

ANEXOS

ANEXO A - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE - SIDNEY GUSMAN

Começou a entrevista com a apresentação da pesquisadora e o objetivo da pesquisa.

A/P - A entrevista está dividida em duas etapas, a primeira é sobre a MPS e a segunda como ela funciona. Podemos começar?

Sidney Gusman - Sim, vamos lá!

A/P - Eu vi que vocês tem um departamento de design e ele corresponde a algum departamento específico?

Sidney – Na verdade a gente tem mais de um departamento de design na empresa, A/P. Temos o departamento de design e criação de novos produtos, que é comandado pelo Bruno Honda, que responde para Mônica¹. Tem o departamento de design que faz coisas pro estúdio de arte, que responde para Alice², que a nossa diretora de arte. E tem o departamento de design de publicações, que é o que trabalha diretamente comigo, né. É quem faz a editoração de todos os livros, né?

A/P – Dentro da teoria do design estratégico a gente propõe a inserção do design junto as diretorias para que ele possa participar, você pode me informar se há a participação do design nas reuniões de diretoria, Sidney, ou ele funciona só mesmo como uma reposta, um...

Sidney – Não, não, não! Acontece sim, especialmente na área da Mônica, acontece demais, são decisões estratégicas de produtos novos que serão criados, então acontece sim.

A/P – Isso é muito bom para mim, porque está confirmando algo que eu acreditava que acontecia.

Sidney – É, tudo isso depende obviamente da gente sentar juntos e fazer: olha, isso tem que ser feito assim, assim, assado. Não tem jeito.

A/P – Eu vou voltar um pouco para a parte de divisão de produtos, se vocês fazem alguma classificação, ou uma setorização, ou organização, para o Parque da Mônica, desenhos animados, revistas, entre as próprias revistas Turma da Mônica Jovem e Clássica?

Sidney - Eu não entendi o começo da pergunta.

A/P – Se vocês fazem uma setorização, se tem um setor específico para o Parque da Mônica, por exemplo, para coordená-lo?

¹ Mônica Sousa, filha de Maurício de Sousa e diretora comercial da MSP.

² Alice Takeda, esposa de Maurício de Sousa e diretora de arte da MSP.

Sidney – Sim! A empresa é bastante segmentada, só que acaba sendo centralizada no Maurício. O Maurício é... Vai fazer alguma coisa no Parque da Mônica, não tem jeito, tem que passar pelo Maurício. Então, assim, cada área tem independência para, vou por exemplo fazer um livro sobre o alcoolismo e botar a Mônica. Óbvio que não, né? Você tem que ter uma responsabilidade, uma responsabilidade grande do cuidado dos personagens que representam a família do Maurício de Sousa, para tantas e tantas pessoas. Então, tem que tomar cuidado extra. Sim, independentemente disso tudo, cada área tem sua independência para fazer seus próprios projetos e aprová-los ou não.

A/P – Certo. Aproveitando a ligação com o Maurício, a gente percebe que é muito complexo a gente falar de empresa Maurício de Sousa Produções sem citar Maurício de Sousa pessoa. Como seria para vocês lidarem com essa empresa que é personificada no Maurício? Porque na apresentação do artigo no último congresso na Argentina, o Viñetas Serias, um participante me questionou, a respeito do Maurício como se a gente estivesse enaltecendo o Maurício de Sousa pessoa e não falando da empresa, e neste momento tivemos que deixar falar: “Olha, a gente está falando sobre MPS” porque é difícil para as pessoas lidarem com essa diferença. Eu gostaria de saber como vocês lidam como isso?

Sidney – Na verdade, não dá para desassociar o Maurício, porque ele é uma figura muito forte, ele é a cara da empresa. Ele é a representação viva do sucesso que a empresa se tornou. Mas ao mesmo tempo a gente tem uma preocupação sim, de se preparar a sucessão, o Maurício tem cuidado disso. Se vocês reparem a Mônica tem a aparecido bastante em entrevistas, a Marina também. A todo um processo. A gente reza que o Maurício fique conosco por muitos e muitos anos ainda. Porque é complicado. A gente tem que estar preparado. Hoje é impossível dissociar a imagem do Maurício da imagem da empresa, porque elas estão muito ligadas. E queira ou não, acaba sendo um empresa familiar, você tem a Mônica que diretora comercial, a esposa dele

A/P – A Alice Takeda?

Sidney – Sim, é diretora de arte, é uma empresa familiar.

A/P – Eu vou voltar a um artigo que você publicou, no Cultura Pop Japonesa...

Sidney – Faz tempo...

A/P – Sim faz tempo, mas ele é um artigo visionário, é um artigo de quem conhece o mercado, de quem lida com o mercado e você citava no artigo as empresas que lidam muito com nichos, com tiragens muito pequenas e que elas precisavam reverter isso, e uma das formas que você via que estava sendo isso era a Panini que estava reduzindo o preço, mais baixo, das revistas e estava retomando o leitor e a Conrad e JBC que estavam

investindo em mangá, mas você chamava a atenção para a queda das leituras, porque aqueles mangá que foram impulsionadores já estavam no final, como você relaciona essa passagem, para a Turma da Mônica Jovem que ele mesmo tinha citado em uma entrevista que ele... Já tinha sido pensada mas não com característica do mangá e que foi apropriada com o estilo Mangá.

Sidney – É interessante você recuperar esse artigo, porque esse artigo, tem sei lá, uns dez anos, e veja só quanta coisa mudou desde então, porque a Conrad praticamente saiu do mercado de mangá. A Panini assumiu o lugar dela e a JBC continua firme e forte. O mercado editorial brasileiro tem passado por mutações bem grandes. Vamos parar e pensar: 2000, então em treze anos apenas atrás, a Panini, não era uma editora de quadrinhos, ela só publicava figurinhas. E a maior editora do Brasil se chamava Abril, que hoje praticamente publica pouquíssimo quadrinho. Então assim, o mercado está em mutação constante, e as editoras tem que ficar atentas que as oportunidades aparecem. Mas assim. Voltando especificamente para o caso do Maurício, eu acho que... Eu trabalho com o Maurício fazem sete anos, e das características que eu mais admiro nele é que o Maurício é muito sagaz, ele enxerga muito na frente. Ele sacou que a Turma da Mônica, que... Aconteceu o seguinte, até os anos 90 a Turma da Mônica era uma leitura para até treze, quatorze anos, que era quando a gente deixava de ser crianças, só que o que acontece, a infância vem encolhendo, hoje, o menino tem dez anos e diz: “eu sou pré-adolescente”. E porque acontecia isso, até a década de 90 a gente tinha o gibi, e agora não. Nos 90 pintaram os canais de TV a cabo, começaram a ter os canais específicos para crianças, depois o Walkman, os iPod, iPhones, iTouch e tantos outros i que, quer dizer... E apareceu a internet! Então a criança passou a encolher a infância, nos finais do anos 90, começo dos anos 2000, as crianças deixaram de ler o Maurício já com dez, onze anos.

A/P – Reduziu quase...

Sidney - Claro, não é todo mundo! E o que acontecia: esse cara só vai voltar a ler Maurício quando ele casar e tiver filho. Porque o Maurício fez com que, talvez esse é o grande legado dele. Ele conquistou uma nova (?) que o produto dele passa de pai para filho, como se fosse uma tradição familiar, isso é incrível. Só que conseqüentemente, a venda dele caiu demais. Caiu bastante a venda dele.

A/P – É um nicho muito grande, três anos que ele perdeu de público.

Sidney – É um nicho gigantesco, se imagina que na época muita gente deixou de comprar quadrinhos. E ai ele já havia pensado na hipótese de esticar a Turma da Mônica, mas seria no traço tradicional, habilmente quando ele pensou em fazer, queria só frisar (?),

sorte é que eu pude nesse momento presenciar isso. Ele já... O que aconteceu é que quem não parava de ler quadrinhos que é a imensa maioria do leitor de quadrinhos, para de ler quadrinhos quando abandona Turma da Mônica, a imensa maioria, porque os números do Maurício não são comparados a nada que há no mercado. Então a maioria para de ler quadrinhos e ponto. Os que não paravam de ler quadrinhos estavam migrando para onde, para jornal – opa desculpa, eu estava lendo jornal aqui – para mangá! E o que acontece? Os caras que estavam imigrando para mangá, o Maurício falou assim: “e se eu tentar fazer um pulo do gato para isso ai?”. Bom, eu de verdade acho que isso é um case de mercado que deve ser estudado especialmente daqui a dois aninhos para a gente começar a sentir isso, porque assim... No mundo inteiro não existe uma família de personagens infantis que tenham sido esticados ou crescidos, que uma das duas não tenha matado a outra. Porque existem várias que cresceram, Spirou, os Rugrats, tem várias, só que uma das duas canibaliza a outra. E todo achava que isso ia acontecer com o Maurício. E o cara é realmente, a gente ser bom tem estrela, porque isso não aconteceu.

A/P – Não.

Sidney – Isso não aconteceu, e está lá a TMJ é a revista mais vendida no Brasil nos últimos trinta anos e a Turma da Mônica Clássica vai muito bem, obrigado. Então, o que eu posso dizer, A/P, que aconteceu. O Maurício efetivamente, resgatou o leitor de até uns treze anos, de quatorze anos eu não diria, mas de treze anos ele conseguiu resgatar. Ele efetivamente conseguiu resgatar. Só que, ai vem aquela história que eu falei: o cara que, o pessoal que parava de ler quadrinhos com dez, onze anos. Uma coisa é você parar com dez, onze anos, mas se você continua lendo até treze, quatorze anos a chance de você migrar para outro gênero de quadrinhos é enorme!

A/P – Exato.

Sidney – Ainda mais com a oferta de quadrinhos que temos hoje. Então efetivamente o que eu tenho que, que daqui a sete anos a gente vai sentir, é que mais do que recuperar o leitor para ele, o Maurício está recuperando o leitor pro mercado de quadrinhos. E acho que isso vai ser colhido por outras editoras, o que é muito bom! É muito bom pro mercado de quadrinhos todo e ai é que foi a grande sacada da Turma da Mônica.

A/P – concordo com você muito, é foi bom porque você falou sobre a outra pergunta que era como Maurício lida como mercado e (comecei a despedir mas o Sidney e agradecer como fã e o Sidney deu abertura para mais perguntas) Então quis saber se, em

outro momento, eu poderia perguntar sobre o projeto da turma crescer, que estava previsto para daqui dois ou cinco anos.

Sidney – Isso está em estudos ainda. O Maurício é doidinho, ele adora desafios e esse seria um desafio enorme porque seria mais folhetim, que é um negócio bastante folhetim, mas estamos abrindo...

A/P – Ah, Sidney desculpa, abri outra pergunta e essa puxa também, que ele tinha colocado que no início (da TMJ) era discutir temas polêmicos, como sexo, como droga, porque a abordagem era para um público de dezesseis anos, mas quando ele percebeu que ele também recuperou esse leitor de dez, onze anos mudou o diálogo.

Sidney – Isso é interessante você ter falado isso, porque assim, foi bom você ter falado nisso, porque quando começou TMJ, a gente mirava pra cima, a gente mirava em um leitor de quinze, dezesseis anos. E o que aconteceu é que a molecada também passou a comprar, crianças de oito, nove, dez anos. Por quê? Porque eles enxergavam na TMJ uma coisa aspiracional, ai o que aconteceu? A gente teve que mudar todo nosso planejamento, porque a gente iria colocar na revista, como a gente faz com a turminha clássica, temas como violência, drogas, mas só que numa pegada mais quase adulta, né? E tivemos que reverter isso, e qual foi a sacada, uma sacada editorial, da qual eu pude participar, a gente passou a abordar esses assuntos, nos livros da TMJ. Então por exemplos, tem dois livros nosso que foram para a Melhoramentos, há dois anos, que já venderam mais de cem mil exemplares. Eles são *Tudo que os Garotos Devem Saber Sobre Garotas* e vice-versa, então ai a gente coloca na capa, recomendado para... Mas, A/P, tem pai que compra sem lê! Ai a gente pergunta: “escuta, o senhor viu aqui?” “Ah, não! Mas é Turma da Mônica”!

A/P – Mas ao mesmo tempo é bom, porque para os pais lidarem com alguns assuntos através da Turma da Mônica é bom, porque hoje as crianças estão com acesso a certo tipo de informação que nem sempre vem com tratamento adequado.

Sidney – Sim! Eles são muito antenados! E como é tudo muito vivo, no nosso mercado, é como te falei, o primeiro arco da Turma da Mônica Jovem, a gente fez uma brincadeira com o Anjinho que até porque ficava meio bobo chamá-lo de Anjinho, o chamamos de Céu Boy, ao invés de Hellboy, Puta! Você não tem noção da grita que foi! Os fãs enlouqueceram! Os fãs... Tivemos que voltar pra trás!

A/P – Foram nas comunidade do Orkut. Na verdade vou te confessar, esse meu projeto do mestrado começou assim que vocês lançaram, eu acompanhava nas comunidades no Orkut essas discussões, então me lembro delas, mas sim eu acompanhei essas discussões...

Sidney – A gente tem que estar atento, se a gente não estiver antenado com esse tipo de coisa, a gente perde o bonde da história. A gente não pode perder o bonde. O fã foi táco difícil recuperar esse mercado, que agora não teria o menor sentido a gente deixar para trás.

A/P – Esse tipo de monitoramento, acho que acompanhamento seria mais adequado, se dá mais pelas redes sociais, pelo Twitter do próprio Maurício...

Sidney – Sim, a gente tem um rede social muito forte. A gente tem um rede social muito, muito forte. Porque temos um nível de compartilhamento que grandes marcas não conseguem. Além de ter o Twitter, os canais de e-mail, de rede social estão todos abertos para a molecada, para os fãs todos. E tudo o que você imaginar de reclamação, elogio, vem! Porque tem desde o cara que elogia a... Rola coisas bizarras, enfim... Você lembra que no dia 12 junho, o Google fez a Turma da Mônia no Doodle?

A/P - Sim, sim!

Sidney – Aquilo para você tem ideia foi o Doodle mais acessado da história do Brasil, e ai teve uma mãe que escreveu aqui. Escreveu para gente no Facebook, xingando: “De onde já se viu, porque namoro é sexo! Que a Turma da Mônica estava incitando crianças a fazer sexo!

A/P – Gente! Ela não teve namoradinho de andar de mão dada não?

Sidney – A imagem era pueril, a imagem era de uma inocência e ela conseguiu enxergar sexo! Então assim, você tem que saber filtrar, né? Não tem jeito.

A/P – Sidney, muito obrigada, sei que você está sem tempo, e pode me atender, muito obrigada, mesmo!

ANEXO B - TRANSCRIÇÃO GRUPO FOCAL COM LEITORAS DE TMJ

Apresentação:

FA 12 anos, aluna do colégio Santo Agostinho de Contagem, irmã da RA.

ME, 12 anos, aluna do colégio Santo Agostinho em Contagem.

RA 13 anos, aluna do colégio Santo Agostinho em Contagem, irmã da FA.

NM, 12 anos, aluna do colégio Santo Agostinho em contagem.

A mãe da RA e da FA acompanhou o grupo focal,

A/P: Eu estudo revistinhas, e a precisava conversar com pessoas que liam revistinhas, mas que fossem o público das revistas e não eu, com 35 anos, que leio e gosto, mas não represento para quem o Maurício escreve, então a Nat me falou que vocês gostam de revistinhas e eu vim conversar com vocês. A conversa será gravada, apenas para eu me lembrar do que vocês falaram, para não ter ficar anotando muitas coisas, ok?

Meninas: Ok!

A/P: Então vamos lá! Vocês já liam a Turma da Mônica, a das crianças?

Meninas: Já.

A/P: E o que vocês mais gostavam nas revistas, das crianças?

FA: Do Cebolinha levar coelhada.

Risos geral

A/P: E você? (dirigindo-se para ME)

ME: Também, das coelhadas.

A/P: E tem mais alguma coisa ou?

ME: Tsc.

A/P: Tinha alguma coisa na revistinha, a clássica, das crianças, que vocês gostavam? Um personagem preferido? Aquela que se vocês fossem comprar só uma revistinha, qual vocês escolheriam?

RA: A Marina.

A/P: A Marina? Por quê?

RA: Ela desenhava.

ME: A Magali

FA: A Mônica

NM: Eu gostava da Mônica também

A/P, dirigindo-se a RA: Por quê você gostava da Marina?

RA: Eu gostava dos desenhos dela.

A/P: E você desenha também, RA?

RA: Não...

(...) pausa

A/P: E você? (dirigindo-se a ME)

ME: Ah! Eu achava legal, porque... hã... Ela, ela brigava com o Cebolinha, ela xingava ele e tal.

A/P: E você, FA?

FA: Ela comia muito. Eu queria comer como ela.

NM: Eu gosto da Mônica, porque ela é engraçada, é, ela é amiga de todo mundo também?

A/P: E quando a Mônica cresceu, como vocês conheceram a revista da Turma da Mônica Jovem? Como vocês ficaram sabendo que a turminha tinha crescido?

RA: Eu acho que foi pela minha tia, porque eu tenho um primo que gosta muito e ele comprava e me falou.

ME: Acho que foi na biblioteca da escola.

A/P: na biblioteca da escola?

ME: acho que foi

FA: a minha tia.

NM: Eu acho que foi na banca.

(...) pausa

A/P: E na TMJ, mudou personagem preferido ou continua o mesmo?

ME: Continua

RA: Mudou, agora é o Do Contra

A/P: O Do Contra? Por que?

RA: Ah! Eu não sei!

FA: Mônica

NM: da Mônica

A/P: E porque vocês gostam da Mônica? Ela mudou ou não mudou? E a Marina, o que aconteceu? Ela desenha ou não desenha?

RA: Eu senti falta dos desenhos da Marina.

(...) pausa

FA: Eu senti falta da Mônica dar coelhadas no Cebolinha

ME e NM: É!

A/P: E a Magali? O que vocês acharam da Magali? Que é ser personagem preferido, FA?

(...) pausa

FA: ah! Não sei...

(...) pausa

A/P: Bom, mudando um pouquinho, quando eles falaram que era turma da Mônica em mangá, vocês conseguiram ver já esse desenho japonês, ou para vocês não faz diferença

RA: Ficou bem parecido. Huummm

A/P: E por que você achou que ficou parecido?

RA: O tipo de desenho que eles fizeram... O olhinho, o jeito de desenhar o olho ficou parecido também

NM: Eu achei diferente é que quando era das crianças ele tinha cor, mas agora a da TMJ é sem cor.

(...) Pausa

A/P: Deixa eu fazer um pergunta para vocês que é uma curiosidade muito grande que eu tenho. Agora eu não sei vocês acompanham desde quando eles começaram a revistinha. Ela era bem diferente, a revistinha. Vocês repararam isso? - mostra as revistas número zero, número 4, número 34 e número 50.

Meninas: huhum

A/P: O que vocês acharam? Vocês conseguiram ver enquanto eles mudavam, ou só perceberam depois?

ME: Eu ia percebendo quando eles iam mudando, quando a Monica Jovem ia aumentando, a... A revistinha.

A/P: É?

RA: eu fui percebendo que eles estavam ficando melhores, eu acho.

A/P: você acha? Eles ficaram melhores?

RA: É, ficaram.

A/P: você, dirigindo-se a ME

ME: É na primeira revistinha, os desenhos estavam muito parecidos com os do Maurício, mas agora mais para frente está mais parecido com mangá, mesmo.

A/P: De mangá, mangá mesmo vocês leem algum ou não?

ME: Eu já vi!

(...) Pausa

A/P: qual que você leu, viu?

ME: aqueles tipo *Naruto*...

(...) Pausa

A/P: Mas de ler ou folhear?

ME: Folhear

A/P: E desenho, o *anime*, vocês já viram?

As meninas negaram com a cabeça

A/P: E os de meninas, tipo Saylor Moon? Já viram?

Meninas: não!

A/P: Bem, não faz muito diferença, os desenhos animados japoneses?

Negativa com a cabeça novamente

A/P: E qual a história que vocês mais gostaram?

(...) Pausa

A/P: O que eu que achei mais interessante é o MS é uma das revistinhas no mundo, e TMJ está entre as que mais vende, a Forte emoções, do primeiro beijo, foi uma das que mais vendeu no mundo.

Sandra: era o que todo mundo estava esperando.

A/P: exato. E ela, a quer namorar comigo, essa daqui vendeu meio milhão de revistinhas, tem livros super famosos que não vende isso. Tanto que ela começou a aparecer na lista de livros que mais vende! Vocês sabiam disso? Essas são as que mais venderam. (mostra a número 4, a 34 e a 50)

Meninas negaram com a cabeça...

A/P: E o que vocês acham delas? Acham mesmo que elas são as melhores ou...

RA: Eu acho que sim!

A/P: Você gosta mais delas do que as de aventura?

Sandra: Ela gosta de romance.

A/P: E você...

Neste momento o marido da Sandra, entra na sala e é apresentado.

A/P: o que vocês acham? Tem revistas que é mais para meninas, tem revistas que é mais para meninos? Eu queria que vocês me falassem mais, que me contassem mais.

(...) pausa

(...) pausa

RA: Eu achei que era algo que a gente esperava, que a Mônica e o Cebolinha ficassem.

(...) pausa

A/P: E vocês tem produtos que sejam assim da TMC, da TMJ, ou só compram as revistas

RA: Só as revistas.

A/P: Vocês já viram produtos da TMC ou TMJ no supermercado? Essas coisas?

ME: Eu já vi na televisão

(...) pausa

A/P: E vocês queriam alguma coisa?

Meninas negaram com a cabeça.

A/P: Que você lê a revistinha e diz: ah! Isso é legal, eu queria ter?

(...)

A/P: Eu li uma que a Mônica e a Magali competiram para ser as Star?

FA: Sem ser jovem? Eu vi uma que elas eram (o som ficou muito baixo e não deu para transcrever, porém elas desviaram do assunto para contar a história da TMC)

A/P: É porque quando eu era criança era muito fácil achar coisas da TMC...

RA: Quando eu era criança eu tinha, eu tinha boneca, uma boneca da Magali e da Mônica.

A/P: E agora?

RA: Agora não!

A/P: Você gostaria de ter uma?

RA: Acho que não!

A/P: não é o produto esperado, não é?

Negativa com as cabeças.

A/P: E as roupas delas, o que vocês acham?

ME: Ah! Agora é bem legal!

Meninas concordam acenando com as cabeças.

A/P: E qual é a personagem que tem as roupas mais legais?

ME: A Marina

FA e NM: É a Marina!

A/P: Eu gosto da Denise, o que vocês acham dela?

NM: Ela tem ... Não deu para ouvir as respostas.

A/P: Quando eles fizeram o lançamento da TMJ, uma das coisas que eles mais bateram é que elas deixariam de usar só o vestidinho vermelho e o amarelo. É por isso que eu estou perguntando para vocês. Vocês acham que elas usam roupas que vocês usam ou não? Ou elas lançam moda, roupas que vocês teriam vontade de usar?

RA: Eu acho que elas lançam moda

NM e ME: É! Elas lançam moda.

(...)

A/P: E alguma de vocês tentou imitar o estilo delas? De vestir roupas parecidas?

Ao mesmo tempo responderam NM, ME e RA.

NM: Já

ME: Já

RA: Já, mas não ficou bom.

A/P: O que aconteceu, RA?

RA: Ficou tudo esquisito, descombinou!

(...)

A/P: façam de conta que eu sou o Maurício de Sousa, e que vocês podem me pedir qualquer coisa, e não precisa ser só de TMC, TMJ. Qualquer coisa que eu realizaria o seus desejos. O que vocês queriam?

FA: detalhar os desenhos dos pequenos.

ME: Eu acho que eu queria... não sei... tipo as roupas iguais as delas para mim... ...
... O cabelo...

A/P: o cabelo de qual delas?

ME: Ah! Todos os cabelinhos são bonitinhos, o da Mônica é bonitinho, assim (mostrando o tamanho com gestos), o da Marina é cacheado... Qualquer cabelo, todos são bonitinhos...

RA: eu queria comprar e vestir roupas delas, que ficassem legais.

NM: Eu queria um filme da TMJ, seria legal um filme da TMJ.

A/P: meninas, tem mais alguma coisa que vocês que é importante que eu saiba, que vocês gostariam de me falar?

ME: Eu acho que não

FA: Eu acho que não

A/P: Eu agradeço a vocês. E se a mãe de vocês permitir eu gostaria de manter o contato com vocês, fazer um grupo de discussão via internet, e que vocês possam me ajudar.

Meninas: tá

A/P: Então eu agradeço demais à vocês.

O grupo focal durou 25 minutos. Como percebeu que não conseguiu gerar empatia para que houvesse uma interação entre as respondentes, e que não se explorou de forma

adequada as respostas, optou-se por fazer uma entrevista em profundidade com uma das respondentes, NM. A entrevista seguiu a anotação de temas que foram mal explorados no grupo focal.

ANEXO C - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM LEITORA DE TMJ NM

A/P: NM, você leu o casamento da Mônica?

NM: Li uma parte.

A/P: E você leu quer namorar comigo?

A/P: Essa eu não li, não.

A/P: Você tinha me falado que sua personagem favorita é a Mônica e que você conhece também alguns desenhos japoneses. Quando você era criança, ou agora, tem algum desenho japonês que você gosta.

A/P: Eu já vi um, só que eu não sei o nome.

A/P: Como que ele é? Me conta um pouquinho da história:

NM: Ele era... Era um menininho que gostava, achou tipo uma menininha, só que ela era uma peixinha, ai depois ela virou amiga dele, ela virou humana. O pai dela estava tentando achar ela, para levá-la de volta para casa. Ai (...) ela, como ela tava ficando pequenininha, de novo, ficando um peixinho, ela precisava de água. Ai acabou tendo tipo uma inundação lá. Ai... Ai ela encontrou com o pai dela, a mãe dela chegou, ai ela foi com o pai dela. Só que ai eles ficavam brincando, eles sempre se encontravam.

A/P: Ponyo, o nome do desenho.

NM: É.

A/P: E Hantaru, você assistiu? O dos hamsters?

NM: Não

A/P: Hum, deixa eu pensar, um que passa atualmente... O que você assiste de desenho?

NM: Humm, o último japonês que eu assisti...

A/P: Não todos os desenhos, qualquer tipo. O que você gosta mais?

NM: Bob esponja.

A/P: Bob Esponja? E qual mais?

NM: Show dos Looneys Tuneys. E os padrinhos mágicos.

A/P: Nesses desenhos, você acha que tem alguma coisa dos mangá? Que você viu neles que é parecido com alguma coisa do Ponyo, ou da revista da Turma da Mônica?

NM: Na revista da Turma da Mônica, eu acho que tem mangá.

A/P: Não, não, nos desenhos, Looney Tuneys, Bob esponja e

NM: Padrinhos mágicos, eu acho diferente o jeito de desenhar.

A/P: O que você acha que é diferente? Como você identifica que aqui na TMJ tem coisa de mangá e que os padrinhos mágicos não tem?

NM: A cor dos desenhos.

A/P: Como assim?

NM: É que o Maurício de mangá não tem cor e os desenhos tem cor.

A/P: É que as revistinhas de mangá é produzida toda preta e branca e quando fazem os desenhos animados tem cor mesmo. E o que mais você percebe?

NM: O jeito de desenhar do mangá é mais detalhado. (...)

A/P: O que você percebe de detalhado? (...) que você acha que todo mangá tem isso?

NM: O cabelo.

A/P: Eu achei bacana, porque vocês na conversa falaram dos cabelos, o que você no cabelo que é diferente do mangá, que no do Bob Esponja, do Padrinhos Mágicos?

NM: É que no mangá é... É mais normal. O cabelo é normal, igual de uma pessoa. O dos padrinhos mágicos os cabelos é mais diferente.

A/P: Vamos pegar essa revista, número zero, que vocês falaram que é um desenho mais Maurício. O que você acha: é mais Maurício ou as meninas não estão certas? (Comparando com o Casamento do Século)

NM: Esse é mais Maurício, apontando para revista número 4.

A/P: Onde você que esse já se diferencia, mostrando o Casamento do Século

NM: O jeito de desenhar o corpo é diferente.

A/P: O que mais você vê?

NM: As crianças ficaram maiores.

A/P: Como assim maiores, em tamanho ou mais velhos.

NM: De tamanho e mais velhos.

A/P: No tamanho, eles espicharam em comprimento e envelheceram?

NM: Huhum

A/P: Dessa revista para essa?

NM: É.

A/P: Como é que a gente consegue perceber isso? Eu também tenho essa impressão. Vamos pegar essas Mônicas de corpo inteiro. O que você que ela parece que tá cumprida?

NM: O jeito de desenhar ela.

A/P: Mas o que você percebe, no corpo dela? Eu não consigo explicar, você consegue?

NM: O rosto, o cabelo dela e o tamanho do corpo dela também.

NM: Hahã. O que você achou do olho?

A/P: O olho? (...) Vamos ver uma que mostra o rosto da Mônica, me fala o que você achou.

NM: Os cílios ficam maiores, o olho fica com mais forma de olho, porque nas primeiras eles são mais redondinhos.

A/P: Ah!

NM: O nariz também. Nas primeiras ele é uma curvinha só, as de agora, eles são mais parecidos, tem mais contorno. Acho que só, não vejo mais não?

A/P: Você tinha falado antes do cabelo, que eles tinham mudado o jeito de desenhar do cabelo, falou do olho, no nariz e da boca. Ou seja falou do rosto todo! E das aventuras? Vamos falar das aventuras? Você gosta mais de qual? Romances ou aventuras?

NM: Gosto dos dois igual

NM: E se assim você tivesse que comprar agora, e só tivesse dinheiro para uma qual você escolheria? Mesmo que você já tenha, qual você escolheria.

A/P: Sem Medo e Veneno Virtual, por que você gosta mais delas?

NM: Sem medo porque a Marina aprende a gostar de cachorro porque ela não gostava. E Veneno Virtual vê como o mundo virtual pode ser ruim, pode te prejudicar.

A/P: E quando a gente pega aquelas que são tipo de aventuras, o Brilho de um Pulsar? O que você acha dela? Essa que eles lutam contra monstros, vão para outras dimensões...

NM: Eu acho legal, eu gosto. (...)

A/P: E se você fosse escolher para ser o personagem de uma das histórias, qual personagem você seria?

NM: A Magali.

A/P: Por que?

NM: Ela é engraçada.

A/P: É? E o que mais?

NM: Ela tem um jeito diferente de ser.

A/P: O que você percebe que ela tem esse jeito diferente de ser?

NM: (...) Ela é mais brincalhona (...)

A/P: E se você pensar nas historinhas do Maurício falam de coisas que são legais para você, ou para gente mais nova, ou para gente mais velha?

NM: Acho que para mim. Elas falam para mim.

A/P: Obrigada Nat, muito obrigada mesmo.

A entrevista em profundidade teve duração de doze minutos.

ANEXO D - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM LEITORA DE MANGÁ AG

A/P: AG, deixa eu te explicar o que é isso tudo, é um projeto de mestrado, em que meu objeto de estudo é o mangá. E o meu ponto de saída é a turma da Mônica Jovem, mas ele não fica só na TMJ, ele vai também para questões de cultura japonesa, de cultura mangá, porque quem lê mangá, sabe que ele vai muito além de revistas em quadrinhos, e influencia diversas outras áreas, como música, animação, audio-visual, comportamento. Não sei aqui no Rio Grande de Sul, mas em Belo Horizonte, tinha uma série de pessoas que aprendiam japonês para ler mangás antes deles serem traduzidos, e aí também tem os colplays, então esse é o meu objeto de estudo, é mais o mangá, até do que a própria TMJ. Então eu gostaria que você me contasse um pouco da sua história, de como você conheceu o mangá, se você lê outros mangás, porque você lia TMJ, só para começar me contando um pouquinho.

AG: Bom, eu não leio muito os mangás, eu compro mais os que eles fazem de filmes, e o [primeiro contato... Huum... Eu comecei mesmo com as histórias em quadrinhos normais e depois eu fui conhecer o mangá.

A/P: E você conheceu o mangá pela TMJ ou foi o contrário?

AG: Não, eu não conheci nem o mangá pela TMJ nem a TMJ pelo mangá.

A/P: Me conta essa história.

A/G: Tipo, eu acho que o primeiro mangá que eu comprei foi guerra nas estrelas, em dois mil e ... sete eu acho. Hã, eu tinha comprado duas edições do episódio cinco e do episódio seis. Aí depois eu vi que eles estavam lançando TMJ e resolvi comprar.

A/P: O que te chamou a atenção nos mangás? Porque eles fazem as graphic novels em HQs, Você tem outras revistas tipo HQs ou só de mangá?

A/G: Eu tenho só de mangá, mesmo. Ah! Não! Eu tenho umas seis edições que é mais de quadrinhos mesmo, tipo Marvel.

A/P: Humhum, e qual a diferença que você percebe de uma para outra?

AG: Tipo o traço mesmo, uma é mais... Parece mais com as pessoas e a outra é mais tipo desenho animado. Os olhos são maiores, as expressões faciais.

A/P: E qual você chamaria de parece mais com as pessoas e quais você chamaria que parece mais com desenho animado.

AG: Desenho seria mangá e o outro seriam os mais personificados.

A/P: Eu vi, sua mãe postou uma foto de você de princesa Leia, e assim, essa relação de poder vivenciar o personagem, você pode me falar um pouquinho dessa relação de colplay?

AG: Quando a gente faz uma fantasia, a gente se veste de um personagem a gente se sente como uma outra pessoa, a gente se comporta diferente também. A gente fica até um pouco mais feliz.

A/P: Você pode me contar como foi sua primeira fantasia, se foi de princesa Leia, se você quem fez, se vocês compraram?

AG: Na real, a minha primeira fantasia foi de Branca de Neve, e a de Leia foi em 2006, eu tinha uma franja, e era bem pirralha, mesmo. A de Branca de Neve eu tinha três anos.

A/P: A de Branca de Neve sua mãe quem fez?

AG: Não ela comprou.

A/G: Então a relação de viver o personagem, já existe desde pequena. E a da Leia ela quem fez ou vocês fizeram?

AG: Na real, não é bem uma fantasia, é o que eles chamam de closet colplay, que pega as roupas parecidas com a do personagem e ela fez o penteado em mim. É mais isso. A gente pegou o que tinha e fez a customização dela.

A/P: E você vai à eventos também? Você pode me contar um pouquinho da participação nos eventos?

AG: Nos eventos a gente não vai tipo só para olhar os outros colplays, a gente vai para tirar fotos, olhar as apresentações, porque na maioria das vezes fica chato só ver outros colplays, então eles tem um monte de lojas, e eles trazem apresentações de dubladores e de pessoas do YouTube, como por exemplo, o grupo La Fenix, e normalmente esses eventos são bem lotados. O último evento que fui foi *Anime Xtreme* e que foi 3 e 4 de maio, e

nossa, a gente se perdia lá. A gente deu carona para duas amigas minhas e a maior parte do tempo eu fiquei procurando elas lá.

A/P: E com relação com as lojas, o que você percebeu? O que eles oferecem?

AG: A maioria vende coisas com relação à *animes* e ao filmes. Por exemplo, eles vendem blusas, acessórios, chaveiros, bottons. E também coisas que os personagens usam.

A/P: Como assim, coisas que os personagens usam?

AG: Por exemplo, o anel do Senhor dos Aneis. Eles vende jaquetas que os personagens usam nos *animes*, uma parte das fantasias, espadas...

A/P: E a sua percepção a respeito dessas lojas, você comprou alguma coisa lá, viu muito movimento em torno dessas lojas?

AG: Sim! Tem vezes que tu não consegue andar direito lá, de tanta gente que tem em volta delas. Hã, por exemplo, nessas lojas, ele vendem coisas que tu não vê coisas em lojas normais, só vê em eventos. Hã, são coisas raras, que tu encontras ou nessas lojas ou on line, só que on line é muito mais caro, ou demora mais para chegar.

A/P: Com relação a TMJ, você continua lendo, ou parou?

AG: Eu parei no 62, eu acho.

A/P: Por que, primeiro por que você começou e depois por que você foi perdendo o interesse?

AG: Eu comecei porque gostava muito da turma da Mônica. Eu tinha mais de 100 gibis, e dai, quando eu vi (TMJ) eu disse, nossa eu preciso começar a ler isso! Porque ele explodiram com o universo da Turma da Mônica. Dai eu vi que as histórias começaram a se repetir, porque dai, quando tu vai chegando, hã, quando tu vais aumentando as histórias, não tem mais coisas para contar. Hã, então é isso que eu percebi. E tem coisas que tu não precisa comprar, dá para ler on line. Em PDF. E a TMJ, eu perdi um pouco de interesse, porque... Eu achei que estava passando um pouco da idade. Mas foi uma experiência muito boa.

A/P: Da TMJ você comprou alguma coisa, você se interessou por alguma coisa, pela roupa? Alguma coisa assim, da época em que você gostava dela. O que você achou dessa mudança?

AG: Hã, acho que não, eu não tinha comprado nada em especial, como compro nesses eventos. Até porque em algumas revistas que eles mostravam as histórias eu tinha algumas coisas que eles mostravam nas histórias. Era isso que me encantava mais. Eu até relia, porque, pelo, pelo, hã, pela história que tinha dentro dessas revistas.

A/P: Você pode me dar um exemplo dessas histórias?

AG: Uma em que eles foram jogar RPG em um mundo medieval, e daí contava todo o jogo que eles tiveram dentro. E daí, na história, mostrava eles sendo outras pessoas, sendo personagens dentro de outro mundo.

A/P: Então tinha uma relação sua com o que eles viviam? Essa identificação mesmo de o que eles vivem você vivia e participava?

(Assentiu com a cabeça)

A/P: Com relação à cultura japonesa, tem alguma coisa que te chama atenção, que você se interessa?

AG: Sim, eu gosto muito dos traços que eles fazem e acho que isso foi uma das primeiras coisas que me fez gostar, e eu imitava o traço e depois fui mudando. Isso me fez assistir mais *anime*, e ler outros tipos de mangás.

A/P: E você percebeu, quando começou a ler mais mangás, que assim, aquilo ali era da cultura japonesa, ou para você foi uma assimilação quase natural?

AG: Tinha, tem alguns mangás que eles usam muito a cultura japonesa, por exemplo as roupas. Tem um *anime* que eu assisto que o personagem é meio que um super herói, ele não é um super herói, ele combate monstros, é o Glitch, e quando ele vira esse outro lado ele, hã, as roupas que ele usa são típicas, o kimono, as sandálias e katana.

A/P: Com relação as fotos, você faz as fotos quando veste de cosplay ou contrata alguém?

AG: Não, nós mesmas do grupo de cosplays tiramos, ou nos eventos, nos espaços que tem para fazer fotos e books a gente vai e tira o grupo inteiro.

A/P: Me conta mais do grupo?

AG: O grupo de colspays? Bom, a gente nunca faz colspays sozinhos, até porque fica chato. Então a gente junta interesses. E quando a gente faz um colspays de um determinado assunto.

A/P: E como você conheceu esse grupo são amigas de escola, internet?

AG: Não! A gente se conheceu, na real, em um evento.

A/P: O último foi de Guerra nas estrelas, que vocês fizeram?

AG: Não, foi de Homestuck, uma web comic.

A/P: Se você pudesse me contar, mais do grupo, como vocês fazem?

AG: Sempre que a gente escolhe um assunto, a gente se reúne para fazer as roupas. Porque nem sempre você vai achar nas lojas e nem todo mundo sabe costurar. Então, as pessoas que têm máquina de costura ajudam nas roupas e as outras ajudam, em outras coisas, tipos os acessórios, ajudam a montar.

A/P: É um trabalho em equipe?

AG: É! Então a gente se reuni duas, ou uma vez por mês, porque até, agora, estamos com o projeto de fazer os ancestrais de um certo grupo de trolls, que eles são cinza e têm uns chifres gigantes. Então as roupas deles são muito mais difíceis que de personagens normais. Então, isso vai dificultar bastante.

A/P: São quantas pessoas que participam do grupo?

AG: São onze.

A/P: É tranquilo gerenciar todas essas pessoas nessas reuniões?

AG: Sim! Porque como sempre tem várias reuniões quem não pode ir em alguma vai em outra. E sempre vai ter quase todo mundo. Porque a gente marca sempre em dias que a maioria pode ir.

A/P: É bem organizado?

AG: É!

A/P: E eu posso acompanhar vocês em um evento, e uma reunião?

AG: Sim!

A/P: Por favor me avise que eu quero ir! AG, muito obrigada, mesmo, pela ajuda.

ANEXO E - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM O LEITOR DE MANGÁ F.

A/P refere-se ao autor/pesquisador.

A/P: Oi, F. Obrigada por participar do meu trabalho. A minha pesquisa é sobre como o design estratégico pode ajudar a apropriar da cultura mangá de modo mais adequado. E nesse ponto da minha pesquisa eu preciso conversar com leitores, para compreender esses leitores e o que eles absorveram dessa cultura, ou porque eles entraram. Eu queria que você me contasse de como você entrou em contato, como começou a ler mangá.

F: Eu comecei a ver *anime* na TV Manchete, lá pelos anos 80 e nem sabia que eram *animes*. Mas eram desenhos que eu gostava mesmo.

A/P: E o que você diria que te atraiu nos mangás e *anime*?

F: Eu gosto muito da animação japonesa, e quando eu falo isso, as pessoas associam com Pokemón. 'Pô! Que coisa retardada. Eu gosto da estética, do desenho, do traço, do gráfico, acho muito interessante. A noção de que história em quadrinho, desenho animado não é só para criança, a abordagem dos temas um pouco mais complicados, mais, menos mastigadinhos, em contraste da animação americana, que vai amaciando certos temas. *Full Metal Alchemist*, se você assiste *Full Metal Alchemist* você fica acabado no final. O cara pega, tem uma menininha, ai cara constrói o episódio inteiro aquela empatia, a menininha, o cachorro, não sei o que e chega no final o cara coloca uma monstruosidade horrorosa, e ai acaba e o protagonista tem que se ver com o dilema, esse cara destruiu a menininha, o que eu faço? Eu mato? Eu acabo com isso aqui de uma vez, sabendo que tem um pedaço daquela menininha ali, ou me mantenho, me omito, saio correndo. Então, tem, você acaba pegando certos temas que são muito interessante.

A/P: Como você percebe que o leitor brasileiro que não tem contato cultura japonesa e o leitor de mangás brasileiro, que nunca foi no japão que gosta? Você vê diferença na compreensão da história?

F: Com certeza, o japonês, na média, lê muito mais que o brasileiro, tanto mangá quanto não mangá. Em qualquer extrato. Seja criança ou até o professor doutor, se você tirar a média de livros por ano, o japonês lê muito mais. E uma das coisas interessantes é que para eles é uma mídia (mangá) muito natural, é uma mídia que não tenha que é uma associação

ao público puramente infantil. Então o cara pega e leva como uma forma de absorver alguma informação, de ler alguma história ou de se distrair, sem muito aquela questão seja aquela volta à infância. Outras que a gente recebe umas obras, e principalmente de mangá, que você diz: 'isso é muito doido'. Pega *One Piece* e você vai lendo e *non sense* entra ali na porta tapa na cara e você para entender as coisas muito rápido. Só que o que vem aqui para o Brasil é uma brincadeira de criança perto do que tem você tem lá. Têm obras que não traduzidas porque para nossa sensibilidade ocidental é um negócio que a gente não ia incorporada, porque são muito doidas mas muito, muito malucas mesmo. Lá têm uma busca pelo que é diferente de títulos que são que são lançadas bem no esquema de tentativa. O que filtra, que vira série, em o seu próprio direito assim, é uma fração muito pequena, do que a turma consome lá. Tem muita coisa faz assim, o cara vai, o autor novo lança na *Shonen Jump*, naqueles super volume de 500, 300 páginas, com 1 milhão de histórias concatenados, de autores diferentes, o cara começa e ali pá! Nô, essa história aqui, fez uma pouco mais de sucesso, então uma entre trinta, então aquilo ele vai ter um segundo volume dentro de uma coletânea, e ai elas começam a fazer sucesso e elas começam a emergir um pouco mais. Mas a turma lá, primeiro porque de certa forma eles crescem na cultura de origem, então a apreciação é muito maior, e pra gente, aqui, o negócio ainda é aquela... Embora esteja ficando muito mais geral, abrangente, ainda é um negócio meio *cult*, meio de nicho, aquela turma gosta que tem um lance meio diferente, ou que tem uma visão de Japão meio idealizada. 'Nossa, que legal! Olha o cara comendo *lamen* e sangrando pelo nariz. E aparecem aquelas meninas lindas', é meio que um negócio, meio de que nicho mesmo. Mas para eles não. Para eles é, assim, algo muito mais natural.

A/P: Pra mim é muito interessante duas coisas que você falou, uma é sobre a sensibilidade oriental, com os assuntos japoneses, com a forma que o japonês encara...

F: Você quer um exemplo? A coisa mais boba do mundo? Nudez. Nudez! Nudez em mangá, pro japonês, em geral é uma negócio que é completamente ok! É assim 'Ah, pô! Tem uma pessoa pelada aqui!' 'Tá.' E isso se traduz no mangá, vai aparecer uma pessoa pelada andando ali. Para gente, A gente aquele negócio é tarja preta, juiz Ciro Darlan interditando e por aí vai. E lá não, se apropriado para uma criança de 6 anos, porque criança de 6 anos vê gente pelada! Não tem aquela ligação completa, sexual, de culpa, um negócio meio judaico cristão tipo 'isso eu não posso ver, não posso olhar, eu não posso pensar'. Então, é uma coisa que é muito tranquila, e só tomando mais um tiquinho mais de tempo entrevista, eu só fui perceber quando ok é. Quando eu tava num *onsen*, peladão com

mais uns 50 caras peladões e passou a tia da faxina! Passou uma senhorinha de 50 à 55 anos, passando o pano no chão, no meio de 60 caras pelados, e ela nem levantava o olho, e os caras também não estava nem aí para ela. Ela é uma pessoa que está ali cumprindo uma tarefa. Sabe não tem nenhum absurdo com relação a isso, é um negócio muito mais tranquilo.

A/P: F, pegando valores morais, que são idealizados, porque nas outras entrevistas está se falando muito de assim: 'ah, o que você gosta no mangá'? Coletivo, a ideia de coletivo e a ideia de perseverança, como você acha que você F vê isso e como você acha que um japonês mesmo vê isso, lá do mangá? E como é no Japão essa questão de perseverança de coletivo, se é idealizado ou não?

Eu vou falar Da minha percepção, obviamente limitada, por mais que eu tenha vivido lá, eu até não sou estudioso de sociedade japonesa. Mas a noção que se dá, é que a sociedade japonesa como um todo ela se constrói, valoriza a noção de coletivo do qualquer coisa que temos por aqui. Muito mais! Desde as coisas mais simples, tipo nós temos que fazer isso. Se você terminou sua parte, você não vai embora porque você terminou sua parte, você vai ajudar quem ainda não terminou a dele. Você vai ajudar a acabar com a dele, vai fazer um esforço de grupo, né? E a questão de perseverança, que é um negócio que é muito colocado no mangá de uma forma que é muito gráfica, muito colocado na sua cara, bem chapado, é um negócio que a, os valores, tradicionais japoneses, têm até palavras específicas, do pô! Persevera, segura, *Gaman shite*, sabe? Vai se esforço! *Gambate*. São palavras específicas para determinados aspectos do perseverar, se esforce, do dê o seu melhor, que elas se traduzem muito bem! Eu acho interessante quando eu fui fazer a primeira entrevista para a bolsa do consulado japonês em 2002 e não passei, não passei na prova, e aí em 2003 quando eu cheguei à entrevista, as pessoas do consulado, me cumprimentaram pelo nome. E me falaram: 'Felipe, que bom que você voltou'. Quando eu voltei para a entrevista a primeira coisa que me falaram foi: 'olha o japonês valoriza muito essa perseverança, são pouquíssimas pessoas que tentam uma segunda vez. O pessoal tende tomar uma rejeição de desistir, seguir a vida, essa perseverança que você está mostrando é muito valorizada aqui.'

F: A pessoa que se destoa do grupo, normalmente ostracizada, é hostilizada. Essa questão de *bullying*, de *raraciment*, que estão aparecendo aqui para gente, nas escolas japonesas, eles estão preocupados com isso há muito tempo, porque tem. Como é uma sociedade que

tende a ser muito fortemente hierarquizada, o veterano, o *senpai*, o que está por cima, ela tende a ter uma relação de poder muito forte, com júnior, o novato, o calouro, o menorzinho, o iniciante no clube de esporte. Então tende a ter uma relação de poder muito forte. Isso leva à uma ocorrência muito grande de hostilidade, de *bullying* mesmo e isso acaba sendo muito forte quando tem uma pessoa que se destoa do grupo, uma pessoa que tende a não ter um comportamento como o coletivo espera dela. Isso tem a parte ruim e a parte não ruim. Você ter a expectativa de grupo tende a manter aquela sociedade como um todo, vamos pegar uma turma de escola, tende a manter uma turma coesa, uma turma funcionando bem. Mas a partir do momento em que você é diferente, logo você não é um de nós, é o revez dessa moeda. Então lá, a questão é, eu não sei o que a professora faria, caso ela houvesse mostrado isso, se a turma soubesse, ai, certamente o aluno seria hostilizado, o aluno seria ostracizado, né? E o aluno, a reação do próprio aluno, do indivíduo, que é pego fazendo uma coisa errada é uma coisa muito diferente, porque tem uma noção de humilhação pública, de exposição pública que é o que leva auto executivo de empresa ao suicídio, ele o cara é pego fazendo algo errado e a esposa se mata junto, até hoje! Porque poxa! Olha minha exposição, olha minha imagem pública, o que ela virou! Então é uma coisa que é muito forte.

A/P: E você acha que há alguma coisa no mangá que ajuda a construir essa sociedade coesa? Que não haja essa distinção?

F: Eu não sei! Porque é uma coisa que é um pouco paradoxal, que é a questão de a pessoa ser membro do grupo e ao mesmo tempo ela querer ser especial. O tema mais constante do mangá é o garoto incompreendido. É o menino tímido, o garoto incompreendido. 'Poxa, eu sou legal, mas eu sofro bullying na escola, a menina não me trata bem, os meus pais não estão nem ai para mim e o cara ter que ao longo da trajetória, da história ter que ir crescendo, ir se firmando, tanto como um membro do grupo, como um indivíduo, que tem suas próprias vontades, seus próprios desejos. O *Evanguellion* é isso, todo mundo acha que o *Evanguellion* é uma história de robôs lutando contra monstros. E não é! A história é de um protagonista que é órfão de mãe, é ignorado pelo pai, é usado pelo pai como plano maior, É ultra tímido, é um cara que se acha um bosta, que se acha um horror, aprendendo a se aceitar, aprendendo a se impor enquanto pessoa e aprendendo a sair da aquela fase meio sem jeito, do início da adolescência, e 'pô! Eu sou uma pessoa! Eu vou levantar minha cabeça, e seguir em frente, porque eu sou parte de uma coisa maior, eu sou parte de um grupo maior, mas ao mesmo tempo eu sou uma pessoa, eu tenho minhas vontades,

meus desejos, meus planos.' Isso é muito frequente, o mangá tem isso o tempo inteiro. A trajetória do herói na visão japonesa, não na visão de Campbel. A trajetória do herói Musashi, o cara que sai do nada e vai por esforço próprio, vai se arrebrandando. O Musashi é outro que é a perseverança máxima, e contrasta com o Matakachi, que é um cara que não tem a perseverança. Desde o início, tem o potencial, mas o cara por não conseguiu perseverar, por se deixar abater, 'pô! Eu não vou conseguir!' o cara não consegue. É por aí.

A/P: F, muito obrigada, pela ajuda! Eu te agradeço muito mesmo!

ANEXO F - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM A LEITORA DE MANGÁ M

A/P refere-se ao autor/pesquisador

A/P: M obrigada por fazer parte da minha pesquisa de mestrado. Essa etapa do meu trabalho eu estou conversando com leitores de mangá, para compreender como eles percebem e incorporam a cultura mangá. Você poderia me falar sobre como você conheceu o mangá? O que você gosta nele? Me contar um pouco da sua história com o mangá?

M: Eu conheci o mangá, na verdade foi o *anime*, eu tinha quatro (4) e comecei a ver Saillor Moon e Cavaleiros dos Zodíacos. Ai eu fiquei apaixonada, ai eu comecei a assistir depois, teve *Sakura Cards Captor*. E meus primos começaram a ir em eventos de cultura japonesa de mangá, e eu ia junto. Ai eu comecei a entrar mais no universo. E eu ia junto ir junto pra sempre alguma coisa da *Sailor Moon* e tudo o que era *da Sailor Moon* e que eu achava encontrar aí eu comecei a entrar mais no universo eu conheci a Sakura Card Captors. E com 13 anos eu comecei, é, parei um pouco de ir e depois voltei e sempre assistindo e comecei a achar vários mangás internet. E comecei a ler compulsivamente, e comecei a assistir *anime* compulsivamente. Foi amor a primeira vista, *a Sailor Moon*. Desde Eu queria ser a *Sailor Moon*. Eu comprava as revistinhas, eu comprava as canetas de transformação da *Sailor Moon*, comprava o cetro *da Sailor Moon*, e tinha que usar chiquinhas da *Sailor Moon* todo dia. Isso acho que me influenciou bastante, porque eu acho que se eu não tivesse me identificado tanto com a *Sailor Moon*, eu não teria, talvez, nem me descoberto até hoje. (Mais gostava na SM)

A/P: E o que você gosta ela?

M: Ela é fofa, ela cuida de tudo mundo. A personalidade dela, ela era muito desastrada, e ficava desesperada com qualquer coisa, e ai, meu deus! E ai, hoje, eu sou apaixonada pelo menino dos joguinhos, ai não, pelo Tuxedo Mask, pelo Mamoru, ai meu deus! Só que no final ela ama sem fronteiras, ela ama a família dela, os amigos dela, o namorado dela.

A/P: Se a gente for pensar na questão de ajudar todo mundo vocês diriam que isso é de mangá?

M: Sim com certeza

A/P: Isso é recorrente em outros mangás?

M: Sim! A *Sakura Card Captors*! A Sakura não é nada sem a Tomoyo. Tem outro que eu não me lembro o nome, um mangá *dayo*, que a menina é meio excludinha e outra que era apaixonada por gatos. Nenhuma delas não se enquadrava em nenhum grupo e elas fizeram o grupo delas.

A/P: Quando você pensa em *anime* ou mangá o que é a primeira coisa que te vem à cabeça?

M: Romance. Eu sou apaixonada por shoujo, eu amo muito. Eu acho que é muito fofo ver uma menina que não tem nenhuma característica espetacular que não e aí vem o menino mais lindo gosta dela. É muito fofo, acontecem coisas absurdas e eles ficam juntos. E eu adoro. eram meninas diferentes que acabaram montando o grupo. Fruit Basket também, acabam montando um grupo. Até as pessoas mais deslocadas acabam montado um grupo, e acham com quem elas se identificam.

A/P: Você frequenta eventos de *anime* e mangá?

M: Eu fui até os quinze anos e ai parei porque não tinha ninguém para ir comigo, e eu me sentia sozinha. E eu tenho vergonha de fazer amizade, e eu parei de ir e ai eu entrei na faculdade e conheci a G, e como ela gostava a gente começou a ir junto. Então eu parei de ir porque não tinha com quem ir. (...) Meus primos arrumaram namoradas que não gostavam de *anime* e mangá e aconteceu o aconteceu com vários amigos meus, eles pararam de ir. Tu não precisa usar as roupas que todo mundo usa. E agora para fazer uma amizade eu pergunto, tu gosta de *anime*? tu gosta de mangá? Eu não tinha com quem ir. Eu não tinha amigos que gostavam, então, por isso, a primeira coisa que eu faço hoje quando conheço alguém é perguntar: tu gosta de *anime*? Tu gosta de mangá? Então respondi sim aí pode ser amigo.

A/P: com relação a moda?

M: E eu comecei a estudar Lolita, a me apaixonar pelo estilo Lolita, ai eu comprei o meu primeiro vestido e eu me descobri! Foi amor a primeira vista. É que primeiro eu gostava muito de *Fairy Kei* (estilo). Porque é unicórnio, porque é fofinho, porque é tons pasteis, porque tu pode ser fofa.

A/P: As pessoas reconhecem que a Lolita?

M: Não, geralmente, não. Eu tenho um Ask, aí as pessoas me perguntam porque eu me visto assim oh: Tu se veste assim para chamar a atenção? Por que tu usa roupa de *anime*?
Dai eu respondo, eu não me visto assim para chamar atenção, eu me visto assim porque é meu estilo, eu gosto. Aí, as vezes, uma menina estava fazendo um projeto e ela me perguntou: - O que uma lolita representa para cidade? NADA! Uma lolita é a mesma coisa que um roqueiro, que um hippie, quer ser só ele?

A/P: E tem algo que te desagrada sobre a cultura mangá?

M: As pessoas pegam às vezes só o estilo e usam o estilo e acham que saibam mais que todo mundo e acham que são donos do estilo e que mais ninguém pode usar. E no Japão não. Isso me encanta! Por que todo mundo confraterniza. Todo mundo anda junto, aqui é contrário, as lolitas umas brigando com as outras, os *visual kei* brigam com a gente quando a gente ganha o concurso de visual japonês.

A/P: M, acho que é isso. Muito obrigada por ajudar!

ANEXO G - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM LEITORA DE MANGÁ G

A/P refere-se ao autor/pesquisador

A/P: G obrigada por fazer parte da minha pesquisa de mestrado. Nessa etapa do meu trabalho eu estou conversando com leitores de mangá, para compreender como eles percebem e incorporam a cultura mangá. Você poderia me falar sobre como você conheceu o mangá? O que você gosta nele? Me contar um pouco da sua história com o mangá?

G: Eu comecei a gostar de mangá e coisas assim quando eu tinha 4 anos e vivia *Sailor Moon* e cavaleiros do Zodíaco, *Dragon Ball Z* e *Kamen Rider Black FX*. Tudo na manchete, acabava um começava o outro. E depois com 13 anos eu comecei a ir aos eventos com as minhas amigas. Sempre tive a influência dos meus irmãos que também gostam de mangá e *anime*. Então e frequento eventos há 10 anos.

A/P: O que é você mais gostou nos eventos?

G: É se você continuar indo vai ver que finalmente tinha gente igual a mim, que não era esquisita. (M diz baixinho ao lado: Aceitação).

A/P: Você pode me falar mais?

G: Conhecendo os estilos japoneses abriu minha mente para aceitar mais as coisas diferentes. Antes de ser lolita eu era meio *gothic* e usava preto e espartilho e coisa assim. E olha que aqui estudantes de moda aqui já falaram que nós somos ridículas. Sem saber o que é lolita. Elas olham e falam: 'Olha, elas são ridículas com aquela saia rodadinha.'

A/P: E qual o seu tipo de mangá preferido?

G: Eu gosto de shoujo porque a gente pode relacionar um pouquinho com gente, sendo uma menina. Claro que no shoujo dá tudo certo. A gente consegue se identificar sempre com o personagem principal.

A/P: Por que?

G: Porque a personagem principal tem sempre os mesmos dilemas que a gente porque aquele guri não gosta de mim.

A/P: G, você me ajudou muito! Muito obrigada!

ANEXO H - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM O LEITOR DE MANGÁ JF

A/P: Oi, JF, meu mestrado é sobre mangá e cultura japonesa, eu gostaria que você me contasse como você começou a ler mangá, porque você começou a ler mangá. São suas opiniões e percepções, sobre mangá.

JF: Eu sou daquela geração que cresceu assistindo a Rede Manchete, então eu vi os Cavaleiros do Zodíaco, Jaspion, daí teve o lançamento de o Samurai X no Brasil e daí eu comecei a ler esses mangás.

A/P: Com relação aos mangás, foi por causa dos desenhos que você passou a lê-los?

JF: Para mim a leitura foi algo natural, eu sempre li, e talvez pelo interesse sobre a cultura japonesa. Além de o mangá ser uma forma divertida. Os desenhos preto em branco. Era diferente dos quadrinhos norte americanos e brasileiros?

A/P: Além do preto e branco, você percebe outras diferenças?

JF: Bem Os mangá tem os ambientes mais detalhados, e parece que as emoções dos personagens são mais exageradas, e parece que há uma preocupação dos mangás é de sempre passar uma mensagem positiva, um pouco diferente dos heróis americanos. Em geral eles querem salvar o mundo. E nos mangás, eles não têm um motivo específico, não têm motivos pessoais. Além de eu achar os mangás mais divertidos, eles têm mais piadas. O humor japonês tem mais galhardia.

A/P: Quando você começou a citar a mensagem positiva e o anti-herói, você pode me dar um exemplo?

JF: Ah! Outra coisa que está presente é a questão histórica, né? Em Samurai X, *Rurouni Kenshi*,n fala da história do Japão, *Kenshin Himura*, que é um espadachim viveu durante a mudança do período feudal japonês, ele passa a defender os mais fracos porque ele acaba matando o amor dele. Então fez que ele jurasse que nunca mas matar. Ele não é necessariamente um herói. Ele acabou matando muita gente. O Superman é só um extraterrestre, o Homem Aranha apenas vive os dilemas de um adolescente. O anti-herói americano, talvez seja o Batman. Os heróis japoneses têm muitos defeitos.

A/P: Como você relaciona o comportamento do japonês que recolheu seu lixo na Copa do Mundo e o anti-herói. Você vê alguma associação?

JF: Me parece que os japoneses são mais preocupados com a sociedade, e isso de alguma forma transparece em geral em quase todos os mangás, mesmo que não seja para salvar o mundo, mas em uma preocupação com a sociedade. Isso é diferente. Também, me parece que os mangás também têm uma relação, em defender pontos de vistas ideológicos fortes, que não necessariamente estão ligados com bem estar. Eles passam uma lição de vida, pontos de vistas ideológicos, relacionados à organização dos países.

A/P: Tem algum aspecto da cultura japonesa que te interessa, ou que você desgosta?

Disparou um alarme que tornou impossível ouvir os últimos minutos da gravação.

ANEXO I - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM O LEITOR DE MANGÁ CH

A/P refere-se ao autor/pesquisador

A/P: CH obrigada por fazer parte da minha pesquisa de mestrado. Nessa etapa do meu trabalho eu estou conversando com leitores de mangá, para compreender como eles percebem e incorporam a cultura mangá. Você poderia me falar sobre como você conheceu o mangá? O que você gosta nele? Me contar um pouco da sua história com o mangá?

CH: Quando comecei na verdade eu comecei assistindo *Dragon Ball* no SBT no sábado no sábado animado há anos atrás. Naquela época eu nem sabia qual a diferença entre *anime* e desenho americano. Quando a Conrad lançou o *Dragon Ball* eu cheguei a comprar algumas edições, mas eu era novo, não tinha dinheiro comprei algumas e parei. Então eu comprei algumas e parei. Eu comecei a trabalhar e teve a coincidência que lançaram Samurai X eu era super fã. E daí por diante quanto mais eu recebia mas eu comprava. Hoje eu posso dizer que é um vício meu. Eu já deixei de sair nos finais de semana para comprar mangá. Eu tenho como um vício mesmo, eu não consigo ficar sem comprar mangá. Eu baixo da internet, eu leio no computador, leio no *tablet*, leio os físicos. Então mangá pra mim é parte de mim já.

A/P: O que você considera que te atraiu no mangá.

CH: Ah, cara, são tantas coisas! Mangá cada um tem a sua forma de desenhar, o seu traços, sua história, a forma de fazer a sua história. E o principal, a história tem fim, o que não é o caso de *Naruto*, *One Piece* e *Bleach*. Isso são casos que me levam a preferir um mangá à uma HQ. (...) A principal diferença HQ e mangá é essa. HQ é sempre a mesma coisa. Já mangá não. Muda de autor para autor, e história.

A/P: E o que mais?

CH: Mangá tem variedade, mangá é segmentado. Não sei se o Tobias te contou, mas meu TCC foi sobre mangá. (...) Já mangás tem comédia mangá, tem trama. Eu leio manga de romance que é voltado para o público feminino, eu gosto. Eles têm uma diferenciação em enredo. (...) Tem de luta, de esportes, de comédia, tem histórias reais. E principalmente os da *Shonen Jump*, e eles têm... Aquele negócio que ensina, como eu posso dizer? As pessoas à lutarem pelo que elas querem, a ter força de vontade. Como em Cavaleiros do

Zodíaco eu e um amigo meu sempre comentando que o Kurumada sempre fazia o personagem lutar até o fim exaurir todas as suas forças sempre lutando por aquilo que ele queria e quero salvar Atena. Essa é uma coisa que eu gosto muito do enredo da *Shonen Jump* o cara tem um sonho e ele sempre vai atrás até conseguir. Ele fala bem como é que era na época do Edo, sobre a honra de samurai. Eu sempre quis dizer sobre isso e me deram uma dica de que nesse livro que você acha que fala bastante disso

A/P: Você sente que você se identifica com o mangá?

CH: Cara acho que sim e nem me conhece é um mangá tem bicha. O *Nana*, ele é um mangá de romance, bem novelão da Globo. Não é bem uma identificação mas eu tenho uma coisa. Eu sinto empatia por todos os personagens, todos filme ou mangá eu acabo me colocando no papel dos personagens e acabo sentindo. E meu Deus. Lendo *Nana* eu ficava com o coração na mão.

A/P: E existe algo que te incomoda?

CH: Ah! Não é que me incomoda, mas eu sempre leio mangá, eu sempre levo pro trabalho e eles ficam rindo da minha cara, só que eu não deixo de levar e não deixo de ler.

A/P: CH, eu te agradeço pela ajuda, muito obrigada, mesmo!

ANEXO J - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM A LEITORA DE MANGÁ C

A/P: Oi, C, a minha pesquisa é sobre como o design estratégico pode ajudar a apropriar da cultura mangá de modo mais adequado. E nesse ponto da minha pesquisa eu preciso conversar com leitores, para compreender esses leitores e o que eles absorveram dessa cultura, ou porque eles entraram. Eu queria que você me contasse de como você entrou em contato, como começou a ler mangá.

C: Eu comecei a ver *anime*, mangá em geral, desde que eu era bem pequenininha, quando eu tinha seis anos, mais ou menos. Que eu olhava, na TV privada, no Animax, aquele canal só de *anime*, mas na época eu não sabia o que era *anime*, o que era mangá. Mas eu nunca me interessei em continuar olhando. Dai, quando eu fiz uns 13 anos, uma amiga minha me chamou para um evento de *anime*. E eu, ah! Que legal, cultura japonesa, eu sempre adorei. E desde aquele dia eu nunca parei de ler mangá, de ver *anime*. Eu tenho dezenas de *animés*, de mangás, que eu li que nem eu me lembro mais do que eu já li. E tem uns que eu acho bom ler e ver porque tu se foca, se acha parecido com aquilo que tu vê sabe? Que tu lê, tu sonhas em ser aquela pessoa, no *anime*, no mangá. E fazer tudo o que eles fazem, assim. No Caso eu me foco, em mangás, no meu caso eu prefiro os Shoujo, os romances, porque eu acho muito bonito. As histórias, tipo as lições que eles dão nos mangás, né? E tem uns que até hoje eu fico comigo, que eu já li tantas vezes que eu até hoje já sei as falas deles. Porque... É muito bonito, assim de se ver, e tu aprende muito da cultura japonesa. E tu vê como é bom morar no Japão, e tu pensas, que um dia eu vou pra lá. Vou morar lá, porque as condições de vida lá, tudo o que eles fazem lá, são tão melhores do que aqui. Bom, pelo menos eu acho, né? E que nem eu já falei, eu leio desde pequenininha, e os tem gente que fala: "- ah! Isso é coisa para criança. Dai é, só criança que vê desenho, tudo o mais... E dai, ah! Criança vê esses tipos de *anime* com sangue, como tudo?" Não! Não, sabe.

A/P: Tanto que lá não se pensa isso!

Claro, lá todo mundo olha qualquer coisa. Lá eu acho muito interessante, é que uma das coisas mais famosas que têm lá são os *animés* e mangás. Eu acho interessante! Aqui tu vais em uma banca e tem alguns mangás, lá tem lojas especializadas, tem mangáteca!

A/P: Tem um bairro, o *Akihabara*, você já ouviu falar de lá?

C: Já! Só de *anime*, meu sonho, um dia quando eu for ao Japão, é visitar a loja de *One Piece*! É meu sonho, quando eu vi que abriu aquilo, de tão lindo que é! Aquelas esculturas enormes, mais e aqui tu não encontra esse tipo de coisas.

A/P: E quando você pensa nessa loja, o que você imagina que mais aconteceria se você pudesse visitá-la?

Eu comprava tudo! (risos) Eu comprava tudo, eu ia ver tudo, porque eu sou fascinada por *One Piece*, porque para mim é o melhor mangá, é o melhor *anime* que tem. Eu ia me realizar lá!

A/P: O que você mais gosta em *One Piece*?

C: Então, *One Piece*, o começo é uma história, um *anime* qualquer de piratas, mas é bonito para mim, porque *One Piece*, mostra para mim, para nunca desistir do seu sonho. No caso, eles seguem o sonho deles, o *anime* inteiro. Nem terminou o troço ainda, mas o *anime* inteiro é o seguir o sonho deles. Eles querem realizar, e eles vão conseguir, vão até o final para isso. Se bem que eu acho bonito, isso, no mangá e no *anime*, e também as histórias são muito bonitas no geral. E também, eu gosto muito do *One Piece*, tem também um que eu sou fascinada, que eu comecei a olhar, fazem uns dois, três anos, ainda, e ele é muito bom, mas muita pouca gente conhece aqui no Brasil, mas no Japão ele é bem famosinho. Que é um amigo da pessoa que faz *One Piece*, que o nome é *Gintama*. É muito bom, é uma paródia, de todos os *animes* envolvidos. Ele faz paródia de *One Piece*, de *Naruto*, de *Dragon Ball*, esses mais famosos e de outros menos famosos. E eu gosto muito dele, porque não importa, porque o quanto tu choras, o quanto tu fiques triste no *anime*, vai ter uma hora que tu vais rir, eles vão te fazer rir, no momento mais estranho possível. Porque o *anime* é uma comédia inteira. Você não para de rir nunca dele. E é isso que eu gosto no *anime*, eu gosto de *anime* que me atraíam. No caso e eu sempre olho o primeiro episódio assim, e mesmo que eu não goste muito, vou ter olhar, sabe, vou ter saber como é que vai terminar. Só para ti ver: eu tava na praia, eu tinha começado a ler um mangá. Eu comecei a ler uma hora da tarde, eu tinha praia, eu podia passar, mas não! Eu comecei a ler o mangá e eu não vou terminar até ler o mangá. Não vou sair de casa até terminar. Meus amigos ficaram rindo, porque eu comecei a uma hora e fiquei lendo até as cinco horas, da manhã! Eu me desliguei do horário! Quando eu vi eram cinco horas e eu falei, agora vou terminar. E quando eu descobri que não tinha final ainda! (risos) Mas eu não importo.

A/P: Você falou de uma coisa que eu gostei muito, que você gosta do shoujo, do romance, você pode me falar um pouquinho mais?

C: É aquele romance que tu sonha que pode acontecer contigo, é amor a primeira vista. E dá aquelas confusões alguém gosta da mesma pessoa que tu, mas ele gosta de ti. E dá aquela grudação, sabe? Eu gosto daquilo, e fica adiando, adiando, até o final do mangá, ou do *anime*. E é legal de se ver, é fofinho, eu gosto muito. E se eu vejo um diferente, não, esse não é do que eu gosto mas eu continuo lendo. Tinha um que eu estava lendo que eu até estranhei, que o casalsinho é desde o começo, eu até estranhei, ha história é do namoro deles, mas é muito bom também. É legal, como eles lutam para ficar juntos. Mas, mas... Eu sou fascinada por esse tipo de mangá. Se alguém me perguntar o que eu estou lendo é um shoujo. Eu nunca paro de ler, eu estou sempre procurando. É *shoujo* e... é até estranho, sabe, mas eu gosto de yaoi. Eu gosto muito apesar de ser um pouco 'diferente' eu gosto, *Yaoi, yuri*. Ai, guria lendo *yuri*! Eu acho bonitinha a história dos personagens. Não acho bonitinha porque tem coisas 'estranhas', tipo eu gosto da história, a história deles é como se fosse um casal de verdade, de verdade não! Eles são um casal de verdade. Mas tipo, como se fossem uma mulher e um homem. É perfeito, sabe, é uma coisa fofinha, é tipo, eu gosto desse estilo de romance, sabe? Eu gosto do gênero, sabe? É muito bonitinha.

A/P: É. Eu estava pensando você começou a frequentar eventos de mangás e *animes* com sua amiga quando você tinha treze anos e a partir daí você vai em todos?

C: Eu vou em todos! Eu vou sempre. Eu fui até no sábado no *hanna matsuri*, não fui de cosplay, tava muito frio, mas no *anime* extreme eu fui de cosplay, fui de *kigurumi*, porque eu tava com vontade ir, e aproveitei que estava frio, então vou usar.

A/P: E quando você faz o seu *cosplay*, você faz sozinha, ou tem alguém que faz com você? É um grupo?

C: Depende, depende de como tu quer fazer. Tem gente que gosta de fazer em grupo, eu no final do ano, me convidaram para fazer parte de um grupo de *cosplays* de *Soul Eather*, então eu vou com eles, vou fazer um personagem do *anime*. Mas eu praticamente faço sozinha, porque eu não sou muito de me sociabilizar. Eu fui fazer, porque a minha amiga, convidaram ela. Por causa disso, né? Eu sempre faço sozinha, né? Eu e minhas loucuras, eu quero terminar até o *Anime Buzz*, um outro *cosplay*, só que faltam dois meses. E eu nem comecei. Vou começar essa semana, na verdade.

A/P: E quando você começa o *cosplay*, o que você procura? Como você escolhe o personagem? O que te motiva?

C: Hã... A personalidade dele, no caso, eu gosto, como nesse último evento eu fui de personagem de um jogo. Eu sempre joguei com essa personagem é a personagem que eu mais me identifico e daí eu falei eu fazer ela. No caso do *anime* eu vejo a personalidade dela, o jeito que ela age. Que nem, essa última que eu vou fazer no grupo eu vou fazer uma bruxa ela vilão da história, mas eu acho tão interessante que é uma personagem que eu me acabei me identificando. O que eu acho ela muito legal, eu acho ela muito interessante, do jeito que ela age como é forte e tudo o mais. É muito legal vou tentar agora o que eu vou fazer eu vou fazer para o *Anime Buzz* eu vou fazer um personagem de um shoujo, é um *shinigami*, a deusa da morte, e eu vou fazer porque eu acho ela muito legal, ela é muito querida. Por que, no *anime*, ela tenta ajudar o máximo que ela pode a principal e tudo mais. Então eu sempre quis fazer esse personagem desde que eu tinha 13 anos e que eu comecei esse mangá, tanto que esse é um dos que eu sei as falas. Eu quero comprar, é que no caso, fizeram aqui esse mangá, eu acho que foi a Panini se não me engano, ou a JBC, que trabalha com shoujo. Só que é tão raro este mangá que tu quase não encontra ele. Ele é muito pouco famoso, em geral. É um dos mangás que te ensina uma das maiores lições, tipo assim de todos os mangás, porque ele é que nem *One Piece*, você não desiste nunca.

A/P: E a lição é essa não desistir, do que você quer.

C: E o meu sonho eu não vou desisti de fazer porque ela é muito legal

A/P: C, você consegue perceber valores japoneses que você passou a incorporar em sua vida, ou não? O que você acha?

C: Ah com certeza o jeito que os japoneses, em geral agem, são tão diferentes. São muito educados, nossa! São tão educados, o jeito dos japonês pra aqui no Brasil então é muito diferente. Se um dia eu for para lá, meu Deus! Eu me acho uma mal educada, se eu for para lá. A eles agradecem toda hora tudo eles estão agradecendo estão se cumprimentando. O meu sonho é, um dia, chegar em casa e falar *tadaima*. Porque eu acho tão fofinho as pessoas se cumprimentarem quando chegam em casa e quando saírem de casa. Eu acho tão estranho aqui a gente se fala tchau, ou tô indo. Ou quando chega, por exemplo, eu chego em casa largo minhas coisas no quarto e me enfurno no quarto. É muito difícil e aqui, agora, eu comecei ver, hã, tipo a dar mais valor, a dar bom dia, dar um tchau, dar um oi

quando tu chega. Esse daí eu adoro, né? Ou agradecer, agradecer por tudo o que tu faça. É isso, sabe, tu começa a incorporar o jeito deles. Falar como eles falam.

A/P: C, eu te agradeço pela ajuda, muito obrigada!

ANEXOS K - TRANSCRIÇÕES - USUÁRIOS FACEBOOK

'Pessoal,

Sou pesquisadora e tenho como foco a cultura japonesa e o mangá.

Após algumas entrevistas, algumas características que os leitores de mangá percebiam sobre a cultura japonesa são: a força de vontade, a determinação e persistência, o espírito de coletividade.

Eu gostaria de saber o que outras pessoas envolvidas com a cultura japonesa percebem isso. Por favor, deixem nos comentários qual a opinião de vocês com relação a essas características.

Obrigada

4 compartilhamentos

T: O que fizeram em Hiroshima mostrou que só existia uma alternativa. Trabalhar. O espaço restrito, mostra que só existe uma alternativa. É isso. Me relaciono com "scouters" de atletas, Kaori Tamekuni. Avaliam brasileiros que possam atuar no Japão.

J: a amizade, a lealdade sobretudo e o respeito q acho q jah esta incluído no senso de coletividade.

P: Ka, no meu trabalho e nas minhas visitas ao pais, pude observar também o amor a "Terra". Eles fazem tudo para protegê-la. Pois ela é viva! Ela fornece o sustento, o abrigo, as maravilhosas paisagens que proporcionam as meditações e o sentimento profundo de gratidão. Eles a tratam como uma Deusa (que é) mantendo-a impecavelmente limpa e bem cuidada. É um sentimento coletivo, maravilhoso de se ver e sentir. Espero que ajude!

C: seu tio é o descendente de japonês menos indicado para lhe ajudar, pois minha convivência com os demais só começou depois do 60 anos. Como vc. sabe, não falo nada de japonês e desconheço por completo a cultura japonesa. O Gustavo, alem da Patrícia, seria a pessoa mais indicada. Desculpe-me, sobrinha.

L: Kaori, li mangás há bastante tempo, atualmente assisto mais os doramas (novelas japonesas). Mas o que percebi e percebo em ambos é que os personagens principais são muito determinados a alcançarem seus objetivos e sempre prezam pelo próximo, se

preocupam em não passar por cima dos outros! Reparei tb que diferente do Brasil, são muito reservados! O amor, a paixão e o gostar são expressos de forma muito tímida! Não são manifestados com muitos beijos, abraços, e sim com ações, sempre na tentativa de respeitar e proteger o outro! Ao mesmo tempo que são personagens frágeis, sabem ser engraçados (até mesmo exagerados em algumas horas) e fortes quando precisam alcançar o que desejam!

M: Respeito e solidariedade.

A: Acho q uma das principais características e a lealdade. O espírito de coletividade também e mto característica marcante em nós mas vejo que estas características vem sendo esquecidas por estas novas gerações prevalecendo o individualismo

S: Oi Kaori, vou escrever aqui porque eu não curto muito debate na linha do tempo... Bom, quando se trata de cultura japonesa, eu vejo dois pensamentos divergentes, um caminha para o tradicional e conservador, o outro para o extremo oposto... o mangá consegue unir ou de certa forma trabalhar esses dois polos de maneira harmônica...Focando no mangá, eu observo o culto ao padrão de beleza estético, o exagero nas formas de expressão como um escape do perfil retraído dos japoneses... Muita coisa é reflexo do que se passa na sociedade mesmo, acho que eles criam personagens pra se libertar de certos paradigmas... se for reparar os personagens e os enredos vão além do lúdico e do infantil que se espera de uma história em quadrinhos ou de uma animação (no caso dos *animes*) e são um tanto irreais digamos assim... Não sei se eu fui clara, mas eu acho que o mangá mostra uma perfeição pro leitor se espelhar, desperta um "desejo escondido" de ser como um personagem, seja na moral, nos valores, na aparência ou no comportamento...(Acho que esse assunto renderia horas de conversa... uahuahahaha...) Sobre os valores que vc citou no post, eu concordo que são muito percebidos nos mangás, justamente por serem boas características , e pode até haver um propósito educativo nesses meios(não só no mangá) que levem a sociedade a manter/ agregar essa imagem... E isso funciona tão bem que fãs no mundo inteiro adotam/imitam certos aspectos e características de personagens...

MP: Oi.. Bem minha opinião sobre esta questão é simples. Acho impossível não perceber tais valores presentes na cultura deles porque chega ser um choque para nós nos aqui do Brasil cujo sistema cultural é bem diferente (pra não dizer quase o oposto). O tradicionalismo do Japão é baseado no respeito e coletividade, esta presente em tudo o que se vem ou se ouve falar de lá, a própria historia do Japão prova isso, e não seria diferente

nos mangás, que traduz muito bem estas questões que fazem parte da vida real, claro um pouco mais fantasiosa e talvez mais emocionante do que é de fato, mas com o embasamento em questões como da amizade que não se desfaz por nada, o amor que suporta até o mal e traição, os sonhos e desejos que são perseguidos até o fim, a honra em fazer o que é certo para o bem de todos, mesmo que isso custe sacrificar algo que seja importante pra vc. Eu sou grande admiradora do Japão e por esta cultura incrível de lá... principalmente pelo respeito ao próximo que todos tem e pela ideia de que vc tem que ser alguém de valor, do contrario, não tem porque estar vivo. Bom, não sei se é bem isso que vc gostaria de saber, mas fique a vontade para perguntar ^^

LV: Uma coisa que admiro, é o espírito de honra dos japoneses, o que pode ser incluso na determinação, em contos de samurais por exemplo, o bushido nem sempre é citado mas eles possuem um padrão que sempre leva à honra em algum momento para alguma decisão, eles valorizam a cultura deles como um todo, assim como há sempre a época do florescer da arvore de cerejeira (*Sakura*) em um monte de mangás que retratam o Japão. A determinação e o batalhar para chegar ao objetivo é um grande marco, também. E que eles adoram o inglês e os EUA, o estilo de vestimenta e diversas palavras em inglês em certos momentos e músicas mostram bastante isso. E... Normalmente eles banalizam um pouco os fetiches e as relações entre homem e mulher no geral, na maioria dos gêneros até, sendo algo essencial na vida e bastante estranho olhando para a nossa própria cultura. Se não me engano é porque eles dividem bastante as escolas lá, daí não criam esse convívio até a vida adulta. Assim como, a imagem que eles passam em colégios japoneses, eles não são tão felizes nem é tão legal, como passa lá, quanto mais inteligentes, inovadores e tecnológicos, mais depressivos e frios eles são. Bem, é isso

D: Uma coisa que admiro na cultura japonesa é o paralelo entre tradição e modernidade, eles conseguem avançar em relação a tecnologia sem esquecer de suas raízes. Em alguns mangás como *Inuyasha* a tradição é bem presente. Espero ter ajudado

30867965/search/?query=kaori

Perfume de Bia... Bicicletários ins... Testado, Provad... Freunde von Fre... Wieden+Kenne... METODOLOGIA... Como criar u...



Otakus RS Membros Eventos Fotos Arquivos Notificações Criar grupo

kaori

Kaori Ishihara Otakus RS
9 de junho

Pessoal.
Sou pesquisadora, e tenho como foco a cultura japonesa e o mangá. Após algumas entrevistas, algumas características que os leitores de mangá percebiam sobre a cultura japonesa são: a força de vontade, a determinação e persistência, o e espírito de coletividade. Eu gostaria de saber o que outras pessoas envolvidas com a cultura japonesa percebem sobre isso. Por favor, deixem nos comentários, qual a opinião de vocês com relação a essas características. Obrigada.

Curtir Comentar Compartilhar

SOBRE 744 membros

Grupo público
Grupo Criado para quem gosta de Animes e afins e pertence a inigualável zona sul...

744 membros (8 novos) Convidar por e-mail

+ Adicionar pessoas ao grupo

GRUPOS SUGERIDOS Ver todos

- SORS - Sociedade Otakus do Rio Grande do Sul**
Tay De Lioncourt entrou
+ Participar
- Animextreme**
Marcelo Feijó entrou
+ Participar

ANEXOS L - TRANSCRIÇÃO GRUPO FOCAL COMPOSTO PELOS NIKKEI MAIS JOVENS.

A/P - refere-se ao autor/pesquisador.

A/P: Obrigada por participarem dessa conversa, ela é para meu mestrado sobre o mangá e a cultura japonesa. Sobre como o design ajudar a apropriar dos valores da cultura japonesa. Então eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre como vocês percebem a diferenças entre a cultura japonesa e a brasileira. Como vocês se sentem, que me contassem um pouco as histórias de vocês.

A: Uma coisa que a gente percebe muito, além da cultura, é lógico, é a criação que a gente teve. Quando pequeno, que a gente traz de berço, que é muito diferente de muitas famílias brasileiras. Não que isso seja geral, mas a gente tem, no meu caso eu fui criado dentro de uma colônia japonesa, eu fui alfabetizado em japonês. com um ano e meio eu comecei a ir em uma escola japonesa estudei até os 12. E até os 6 anos eu só frequentava a escola japonesa. Ou seja o que a gente chama de maternal, eu fiz em uma escola japonesa. A educação que eu tive lá, muita gente acha que era muito rigorosa. A palmada polêmica e que virou lei, isso era normal.

A/P: Os pais dos seus amiguinhos brasileiros que falavam que era rigoroso?

A: Não, hoje em dia, quando eu falo que era normal você tomar uma varada na cabeça, o pessoal fala: 'não, isso não é normal'. Meu professor dava umas varadas na cabeça, na mão, essas coisas, mas era para mostrar o rigor das aulas. Impor o respeito que a gente tem que ter com os professores, não só com os professores, mas com as pessoas mais velhas. Eu acho que é mais é isso, mesmo.

A/P: Você acredita que isso foi ruim, bom, que criou um diferencial seja positivo ou negativo na sua vida de adulto?

A: Eu acho que foi muito bom, porque. Como é que vou explicar isso ai? Para mim essa criação foi muito boa, porque eu trago isso pro dia-a-dia. A educação que eu tive, respeitar as pessoas mais velhas. Dentro de uma empresa, a questão hierárquica, também. Pro dia-a-dia isso foi muito bom.

Comparando na empresa, você e seus colegas de trabalho, o posicionamento do seu chefe, se ele prefere o seu comportamento ou o comportamento do seu colega?

A: O negócio que eu lembro até hoje, hoje eu tenho um chefe que é estrangeiro, que é venezuelano, e uma das qualidades que ele ressaltou que eu tenho é a lealdade. Tipo ele fala assim que ele pode deixar o trabalho na minha mão que eu sempre vou tá reportando à ele, que sempre vou deixá-lo a par, que não vou ficar escondendo as coisas dele, ele enfatiza muito isso. Eu acho um troço muito bacana, é algo que estou trazendo da minha criação. Respeitar e ser leal. Foi essa palavra que ele usou. Leal.

A/P: Se a gente for pensar assim, na minha pesquisa, os leitores de mangá falaram muito em lealdade, em trabalho em equipe, que eles viam muito isso na cultura japonesa e na persistência. O que você acha disso? O japonês é mais amigo, mais leal, mais companheiro, ou não. Isso não passa de um estereótipo. Que ele é mais persistente ou não?

A: Olha já foi muito mais, hoje em dia você não vê muito isso. A gente pode falar isso com relação ao kaikan, que era há muitos anos atrás muito mais unido. Hoje em dia a gente não vê isso. É algo muito importante, que eu vejo que está se perdendo.

A/P: Você se considera persistente?

A: Em certos pontos sim... Hã... Não muito, já fui mais.

A/P: E comparando a sua persistência com a de outras pessoas não descendentes.

A: Eu acho que hoje eu já absorvi muito, e acabou ficando igual.

A/P: E seus pais e seus avós. Seus avós vieram quando?

A: Meus avós? 1930 e poucos.

A/P: Eles tiveram ajuda do governo?

A: Não, não, começaram em plantação de café, e muitas famílias começaram dessa forma. No interior de São Paulo. E aí eles começaram a trabalhar com meeiros, aí ficaram uns anos em Barbacena, e foram para Guararema. Onde viveram 40 anos.

A/P: Você acha que a vida deles foi uma vida tranquila?

A: Não, não, eles chegaram sem nada aqui.

A/P: E no final da vida eles tinham montado algum patrimônio?

A: Tinham, eles tinha terra, casa, tinham um padrão de vida de classe média.

A/P: E seus pais, você vê essa luta dos seus avós, um reflexo disso nos seus pais?

A: Vejo, então, principalmente, em relação a trabalho. Como a gente viveu sempre na roça o ritmo era segunda a domingo, da sete da manhã às sete da noite, ou até a hora que dá. Não tinha uma hora para parar de trabalhar. Só no domingo que a gente tinha uma folga. Trabalhava até a hora do almoço.

A/P: Você está usando a expressão a gente. Você percebe que essa luta dos seus avós não parou nos seus pais? Se você pensar nos seus irmãos mais velhos?

A: É porque hoje em dia, é, a gente já tem, está trabalhando com outro tipo de cultura, que não precisa trabalhar de sol -a -sol, freneticamente. Mas se fosse necessário a gente tava lá trabalhando. Foram questões econômicas e de cultura que a gente tá produzindo, cultura da agricultura.

A/P: Pegando essa questão de cultura, agricultura, quantas horas extras você faz por semana?

A: Eu tô de férias!

A/P: Tá, mas quando você não tá de férias?

A: Ah! Eu faço o que for necessário.

A/P: Você trabalha mais que seus amigos?

A: Huummm, segundo leis trabalhistas eu não posso fazer mais que uma hora extra por dia...

A/P: E você só faz uma hora por dia?

A: É lógico que não!

A/P: E você ameaçaria a empresa com um processo trabalhista?

A: Não! Eu acho que, alguns meses atrás, a gente teve um momento frenético que era um start up. Ai não tinha hora, tinha que no meio da madrugada, acordava e ligava: 'como é que tá não sei o que? Tananan?' Acordava para tomar uma água e ligava, mandava e-mail.

A/P: E não é uma exigência da empresa?

A: Não! É uma preocupação minha.

A/P: Tem outra coisa que você acha que é bem sua? Com relação aos amigos?

A: Eu acho que uma característica, também, além do trabalho em grupo, é não pensar só em si. É pensar nos outros também, muito mais nos outros que em si. O que as vezes é ruim. Mas...

A/P: H, K, J, vocês acham que é assim também?

J - É da gente, né?

H - Acho que o fato de a gente fazer uma coisa e preocupar se está incomodando o próximo é uma característica nossa. Sempre se preocupando se está incomodando, se vai interferir muito na vida da outra pessoa.

A/P: H, eu anotei até aqui: sentou uma senhora do nosso lado, imediatamente, assim que ela recebeu o café, você passou o açúcar, sem ela fazer nenhuma reação. Foi algo que é seu.

H: Sim, eu sou muito observador, e no momento em que ela sentou, que chegou o café, que ela deu uma olhada procurando eu percebi e já me prontifiquei. Esse prontificar é cotidiano seu?

H: Sim

A/P: E você acha que isso vem da sua herança japonesa, ou é seu, que não tem a ver com a tradição, com a cultura?

H: Tem muito a ver com a tradição com os ensinamentos que meus pais passaram para gente. Até por ser o irmão mais velho, ter que cuidar dos irmãos mais novos, então. Tem essa questão de estar sempre preocupado.

A/P: Com o que você trabalha?

H: Em telecomunicações e hoje meu serviço é com importação de dados.

A/P: Hora extra também é uma coisa que faz parte da sua vida?

H: Nesse momento não, mas no comecinho do estágio foi muito, de tá preocupado a cada dez quinze minutos verificar se tudo estava bem.

A/P: Você como estagiário tinha uma preocupação que você acha que todo estagiário tem?

H: Não, não tem. Muito estagiários olham a cada uma hora, dá um tempo maior, vai dormir. Por mais que eu trabalhava em casa, eu tava em frente ao computador verificando.

A: Depois a gente desapega.

A/P: Você como estagiário tinha uma preocupação que você acha que todo estagiário tem?

H: Não, não tem. Muito estagiários olham a cada uma hora, dá um tempo maior, vai dormir. Por mais que eu trabalhava em casa, eu tava em frente ao computador verificando.

A/P: E como foi a vinda da sua família para cá?

H: O meu avô materno, por não gostar de lavoura foi correr atrás de uma coisa na cidade.

A/P: Legal, e ele foi mexer com o que?

H: Ele trabalhou com fotografia na cidade, por não gostar de lavoura (destacou o não gostar de lavoura), foi correr atrás, virou fotógrafo e depois mudou para Apucarana.

A/P: E seu avô teve sucesso como fotógrafo?

H - Sim, em Apucarana ele é muito reconhecido, ajudava muito as pessoas da cidade. Se eu não me engano ele tem até uma rua dedicada a ele.

A/P: Na hora que você pensa no sucesso do seu avô, quais foram as características você acredita que ajudaram esse sucesso. De uma coisa que muitos imigrantes japoneses iam para lavoura?

H - PERSISTÊNCIA. Eu acho que é a persistência, de correr atrás, de batalhar ali. Ir atrás do que deseja. Eu acho que é uma característica muito forte do japonês. É pegar no pesado sempre.

A/P: K, você também foi mais ou menos?

K: Eu não sei muita coisa, acho que começaram com lavoura também, mas depois a família da minha mãe foi para o ramo de transportes. Transportadora, e mexe com isso até hoje, no interior do Paraná.

A/P: Quando vocês pensam na família de vocês, na questão de luta, de persistência, qual a sensação de vocês com relação a isso?

J: Orgulho, né?

H: É.

K: É.

J: Para conquistar tudo o que tem, né?

A: Se fosse hoje, não se chamaria imigrante, chamaria sem teto.

A/P: Se a gente pensar em japonês, vocês tem aquele parente que se acomodou, que é diferente do que vocês apontaram. Tipo aquilo que tem dá para viver tá bom e não quero mais nada?

K: Não, parente próximo, não.

H: Eu tenho, caso de primo meu, que tá nas costas do meu tio, que ficam sugando o meu tio, com 30 e poucos anos e fica tentando sugar o pai, sabe?

A: Eu tenho, não quer estudar...

A/P: E mais velho?

H: Olha, lá em casa, eu não vi nenhum tio.

K: A maioria corre atrás.

A/P: Só para confirmar, vocês todos concordaram que a persistência é uma característica japonesa?

H: Determinação.

J: De fazer o melhor, mais ou menos não serve para gente.

H: Com certeza e uma característica muito forte, também, é que por mais que você esteja dependendo de uma coisa coletiva, o Japão ensina muito coletividade, a gente tem aquela questão de tentar fazer a coisa por conta própria, tentar depender o mínimo possível do próximo.

A/P: O coletivo é muito mais aquela relação que vocês colocaram: Se importar com o próximo e não dar trabalho ao próximo?

H: É! Isso.

A/P: Tem algum exemplo que vocês pensam na questão de coletivo? Uma história de família, de primos de amigos?

H: É mais o cotidiano, é quem você presenciou, é natural. Eu com cinco anos, o meu professor de caratê falava, para chegar na academia e organizar os chinelos de todo mundo e tal. Deixar enfileiradinho. E ele achava que era super rigoroso o ensinamento em casa e até de certa forma reclamou com meus pais por eles serem muito rigorosos. Mas era uma coisa que em casa foi ensinado.

J: Risos, lá era natural!

H: Uma das coisas que meus pais me ensinaram muito é o começou a fazer vamos até o final, se você começa a desistir, você vai desistir outras vezes. Não deixar as coisas pela metade, é uma coisa que nihonjin, em geral, não admite, acha que é um fracasso.

A: Ah! Isso não

J: Risos de concordância

A/P: K, sua história pessoal é de muita batalha desde neném, né? Você fez um transplante de rim, foi o primeiro do Brasil?

K: Fígado. Não fiz no Brasil, na verdade não tinha no Brasil o tratamento.

Como sua família encarou a situação?

K: Foi uma época difícil, porque a gente não tinha estrutura para fazer um tratamento fora, teve campanha, e aí eu consegui, e também tinha a questão do doador.

A/P: Essa questão de depender do doador como ela foi encarada na sua casa.

K: Na verdade era uma experiência ainda. Não tinha muito sucesso esse transplante, mesmo fora. E era a minha única chance.

A/P: E como você se considera por questões que passou por uma coisa tão puxada, e como você encara sua vida?

K: Agora é normal, ainda faço controle direitinho. Tô fazendo medicina. Já vou me formar.

A/P: Sua saúde afeta o seu curso?

K: Afeta! Porque quando eu vou pro hospital, eu corro o risco de infecção, aí eu começo a passar mal e fico internada.

A/P: E assim, você vai formar no tempo certo?

K: Hunhum

A/P: Você teve algum caso de amigo que tiveram que trancar, ou que fez corpo mole?

K: Teve muita gente que perdeu o período, mas não acho que foi por problema de saúde.

A/P: Na criação de vocês, o que foi determinante para que vocês tivessem essa persistência? Seu pai que morreu quando você tinha 16 anos?

J: Educação, sempre estuda que você vai conseguir

H: Muito bem dito.

J: Eu vou te dar a ferramenta, não vou te dar pronto.

A: Faça bom uso dela.

A/P: Quando crianças vocês tinham responsabilidades em casa?

H: Não.

A/P: Arrumar uma cama?

K: Não.

A/P: Pegar os brinquedos?

H: Isso de certa forma sim.

A/P: Mas nada exagerado?

H: Nada exagerado

A/P: Nada rigoroso, como a maioria acha que a criação japonesa é militar?

K: Não, lá em casa foi mais tranquilo. Eu nunca morei com meus avós, então foi bem tranquilo.

H: Lá em casa foi bem rigoroso. Apesar de eu ter sido criado por babá. Mas meus pais sempre foram muito rigorosos, principalmente do respeito a eles, acho que até respondendo a pergunta anterior, você tá vendo seus pais trabalharem, ali, tendo um respeito por eles, isso fica ali, batendo, martelando na cabeça. Ele está ali me dando uma vida confortável, eu acho que é o mínimo que eu tenho que fazer é minha obrigação. Estudar. Fazer bem feito. Lá em casa é até engraçado essa questão de passar no vestibular ou não. A gente não festeja, eu e meus irmãos não festejamos, que nem o pessoal que festeja. Porque para gente é uma obrigação.

A: Uma obrigação

J: Uma obrigação.

H: Meu irmão mais novo passou em Federais, uma das melhores do Brasil, não festejou. Meu irmão do meio tá fazendo medicina, um ano de cursinho só, e não festejou. Ficou feliz? Ficou, mas para ele era uma obrigação dele, só.

A/P: Não achou que seus pais tinham a obrigação de dar um carro para ele?

H: Não! Pelo contrário, ele é muito preocupado com essa questão financeira. Mesmo não sendo particular medicina é um curso muito caro. Então ele tá tentando o máximo gastar menos possível.

Manteve uma hierarquia de irmãos em casa?

K: é tudo igual!

J: Até uma certa idade é tudo igual

H: É, até uma certa idade é tudo igual. Comigo, lá eu ainda sou um elo entre os meus irmãos mais novos e meus pais, por estar mais em contato com eles e por estar em contato com meus pais. Até pelo lado espiritual, de religião, de seguir com a parte espiritual, que o mais velho sempre toma conta do santuário. *Butsudam*.

Quando chegam em casa têm alguma tradição?

K: Não.

A: Só acender *senkō*.

J: Agora não tem, mas quando minha avó, a *baachan* era viva, tinha.

A: Quando eu chego e quando vou embora.

A/P: Se você pensar em criar alguma coisa, algum tipo de processo, em uma empresa, o importante é trabalhar respeito, hierarquia, o coletivo, de evitar ao máximo atrapalhar o outro.

K: É questão de bom senso, né?

A/P: E vocês acham que a maioria das pessoas tem bom senso?

K: A maioria não!

H:- Com certeza não!

J: Se tiver muito pesado para eles, não. Eles jogam para os outros.

A/P: Tem alguma situação que incomoda vocês de trabalho, empresa, escola? Disso? Vai ficar pesado para você, não vai ficar pesado para mim, problema seu.

H: Na faculdade, sim...

K: No trabalho em grupo. Na faculdade... Sempre sobra, né?

H: Em trabalho em grupo.

J: No trabalho sempre sobra pra mim. (risos)

A/P: Vocês imaginam porque o trabalho sempre sobra pra vocês?

A: Porque sabem que a gente vai fazer, né?

J: Independente do que acontecer, se o trabalho é para entregar em tal dia, em tal dia, se precisar trabalhar a noite, sábado domingo e feriado, você vai fazer!

H: É o compromisso, né? É outra característica, isso foi firmado o compromisso, quebrar jamais.

A/P: É uma questão de honra?

É! É uma questão de honra.

J: Se falou que vai tá pronto, vai tá pronto.

A/P: E como vocês definem questão de honra?

H: A questão de honra é mais a palavra, é você ver, conversou com a pessoa, está acordado. E ai fazer cumprir, mesmo que não saia do jeito que a gente quer.

K: Você se esforça

H: Para entregar. Para não faltar com o respeito com outra pessoa, também, que ela está dependendo de você.

H: Uma coisa que eu vejo é esse respeito mútuo, independente do patamar que a pessoa está.

A/P: Existia uma comunidade no Orkut, "Eu nunca vi mendigo japa". E em Belo Horizonte, realmente não se vê mendigo japonês. Vocês já viram mendigos japas?

Todos:

Não

A/P: À que vocês atribuem isso?

A: *Nihonjin* se ajuda. *Gaijin* é diferente, acaba se aproveitando, o *nihonjin* ainda tem a esperança que a gente dando o pontapé no cara ele consiga... Dá um jeito depois, ponta pé no bom sentido.

A/P: Aquele empurrãozinho que vai pra frente?

A: É que todos têm momentos difíceis na vida...

Neste ponto houve uma hesitação em continuar o tema, percebe-se o desconforto em abordar o que é considerado uma falha do brasileiro. Essa falha ser percebida como algo negativo pode ser apontada pela denominação *gaijin*, que é usada por japoneses e descendentes para designar os brasileiros, podendo ser feita de forma pejorativa. Esse foi o único momento da entrevista que ela foi usada.

A/P: Como você acha que o *nihonjin* lida com a dificuldade?

A: Supera

A/P: E o *Gaijin*?

A: Espera alguém ajudar!

A/P: Qual tipo de sensação que vocês têm ao ver o Japão que em uma entrevista sobre o tsunami, eles reclamaram que a prefeitura gastou muito tempo para limpar a cidade, três semanas. E que no Brasil, em Angra, onde a encosta caiu e soterrou a pousada, depois de anos o mato tomou conta de tudo. Qual é a sensação de vocês em relação à uma cultura de onde vocês vem e uma que vocês fazem parte?

K: O Japão é uma inspiração para gente. Já o Brasil é tão diferente...

Nesse final houve um constrangimento geral, em que os respondentes não quiseram delongar o assunto. Percebe-se que há o orgulho por ter em suas origens traços da cultura japonesa e que não se sentem confortáveis para apontar os aspectos negativos da cultura brasileira.

Percebe-se que os respondentes jovens ao serem questionados se o comportamento mais individualista do brasileiro os incomodava, eles primeiramente hesitaram em fazer reclamações, especialmente, ligadas ao trabalho. Porém, depois de um tempo eles revelaram seus descontentamento.

Os respondentes mais velhos mantiveram uma postura diplomática, em que não apontaram o que eles consideravam defeitos de maneira tão veemente. Essa situação pode ser percebida ao questionar os respondentes mais velhos se a dedicação dos empregados japoneses era maior em relação aos empregados brasileiros, o respondente KS no início da pergunta fazia gestos de concordância, porém, os respondentes M e R disseram que não. Isso levou o respondente KS a questionar a sua esposa, a respondente R, se ela achava isso das empregadas domésticas. Acredita-se ou a respondente R relatou alguma experiência com empregadas que não se adequam ao que os respondentes consideram como dedicação, ou que o próprio respondente KS a presenciou. O respondente KS colocou que na empresa que atuou ele percebia que quanto menor o grau de instrução menor o comprometimento do funcionário, exigindo a presença e cobrança constante do chefe para a realização das tarefas a contento.

Neste ponto o respondente M disse que essa situação não se relaciona com dedicação mas com honestidade. Que caso se pague alguém para exercer uma função em determinado horário e naquele horário a pessoa não a cumpre ela é uma pessoa desonesta. O que levou os outros dois respondentes a concordarem com ele. Essa situação indica que o que cerne da responsabilidade, que irá gerar o comprometimento, está um valor que não foi relatado pelos respondentes, de forma espontânea, seja pelos jovens, ou pelos mais velhos. A questão da honra. A honra foi citada ao ser lembrada pelo pesquisador/entrevistador. Ser honrado significa não fazer algo errado, algo desonesto. Significa cumprir o que foi acordado. Significa manter até o fim o que se prometeu. Como pode ser exemplificado na frase do respondente H: "É o compromisso, né? É outra característica, isso foi firmado o compromisso, quebrar jamais."

Ao mostrar com orgulho o que se conseguiu por meio de trabalho e de persistência o ascendente transfere para seu descendente valores positivos sobre essas características. Ao se comprometer com um objetivo e levá-lo até o fim e sentir que se realizou algo da melhor forma possível faz com que o descendente valorize o comprometimento e acredite que ele é uma das formas de se obter sucesso. Para os respondentes, percebe-se que a persistência é entrelaçada ao comprometimento, responsabilidade e honra. São indissociáveis. Ao se comprometer, empenha-se a palavra, e o não cumprimento do que foi estabelecido é visto como um fracasso pessoal e de certa forma degradante.

Ao colocar que algo é uma obrigação, não quer dizer que os respondentes jovens veem isso como algo ruim a ser realizado. Isso é visto apenas como algo que tem que ser feito. Independente de ser bom ou ruim, prazeroso ou desprazeroso.

Delegação de responsabilidade desde cedo. Acredita-se que ao delegar responsabilidades desde cedo, o japonês faz com que seus filhos passem a se sentir integrantes de algo maior, uma vez que suas atitudes irão resultar em algo. Além de o resultado esperado dessa atitude ser o melhor possível.

ANEXOS M - TRANSCRIÇÃO GRUPO FOCAL COMPOSTO PELOS NIKKEI MAIS VELHOS.

A/P - O que tem de diferente que foi incorporado, até para ter uma baliza. Para que eu possa conhecer o que é de japonês. Eu acho que nisso eu sou diferente do povo brasileiro, seja positivo ou negativo.

M -Em relação ao Japão ou aqui?

A/P - Do senhor para quem nasceu aqui e não é descendente.

M -Tem muita coisa, Kaori.

A/P - O que?

M - Porque papai e mamãe nasceram no início do século passado, papai nasceu em 1906 e mamãe nasceu em 1912, e eles moravam, a família deles morava em Nagano, no interior do Japão, cheio de floresta de mata. Tanto que assim, a família dele era madeireira naquela época . Mas mesmo, mesmo sendo tão distante de um centro civilizado, aparentemente, o princípio que eles tinham de educação, era que o homem tinha que estudar o mínimo de 8 anos e a mulher o mínimo de seis anos. Isso considerando aquele início de século passado, e naquela época, segundo mamãe falava, a escola primária já era tempo integral. E quando os pais registravam os filhos, os pais assinavam no cartório, o compromisso de que quando o filho tivesse 6/7 anos eles matriculavam o filho numa escola e se eles não matriculassem esse filho na escola naquela época, ia alguém do governo, perguntando por que que ele não foi para a escola naquela idade. Então, assim, começa daí um cultura muito diferente da nossa. Um processo de educação muito diferente. E quando mamãe veio pro Brasil, eles foram para Uberaba, foram mexer com lavoura, porque o programa brasileiro, o intercâmbio Brasil/Japão era para trazer colonos japoneses para mexer com agricultura no Brasil. E tinha que ser família, não podia ser um colono, ou uma colona. Tinha que ser família. Papai casou e no dia seguinte estava pegando um navio para cá. Veio papai, o vovô, a irmã do papai, e mais um conhecido que vieram juntos.

A/P - O seu pai veio mais ou menos em 1930 e poucos?

M - Ele veio em 32, e moraram em Uberaba de 32 à 46.

A/P - Ah! Ele foi direto para Uberaba, não parou em São Paulo?

M - Foram, mas ai separou a família. A irmã dele foi para Presidente Prudente, em São Paulo e o papai foi para Uberaba. Mamãe falava com o papai que em Uberaba, do jeito que eles estavam vivendo, não era o que ela gostaria para os filhos. Que queria ter para os filhos uma educação maior. Conversou com papai e pediu para ele mudar para um centro mais avançado. Então em 1946, foi que nós viemos para Belo Horizonte. Então, essa cultura, já arraigada, lá do Japão é que eles tentaram transmitir para nós. Então você me pergunta se tem muita diferença? Sim, com certeza que tem. Nós aqui, ficamos no meio de colonos, não de colonos, mas de trabalhadores braçais brasileiros e isso dificultou muito que eles passassem para nós os conhecimentos japonês como um todo. Ao mesmo tempo que eles tinha que passar para nós alguma coisa em japonês, tinham os empregados e vizinhos que não falavam japonês e que tinham que começar a falar português. Então só nesse princípio ai tem uma diferença muito grande.

A/P - M, e com relação a aprender a língua, o português? A sua mãe e seu pai falaram alguma coisa? Como foi?

M - Não, eles tava vivendo com brasileiros, então tinham que falar o português. Aprenderam na marra.

Dona Rosa, os pais senhora?

R - Eu mesma, bom não sei como contar, porque minha mãe... os anos que meus pais vieram, não entendo muito não. Eu acho que foram para o interior, para Maringá. Ai meu pai casou e foi para São Paulo.

A/P - E a senhora nasceu aqui mesmo, igual ao papai. Aqui no Brasil?

R - O meu pai nasceu no Japão, mas eu nasci em São Paulo?

P - E a senhora morava na colônia japonesa, ou igual ao papai, mais misturado com brasileiros?

R - Nunca morei. É em São Paulo é misturado com brasileiro, né? Não tem muito disso não.

A/P - E a senhora percebe alguma coisa que é diferente, muito diferente, da senhora, da criação da senhora para brasileiro?

R - Eu acho diferença, assim foi, eu não entendo se eu tô errada, ou não. A educação, eu acho que japonês educa de um modo muito severo. E não tem diálogo com os filhos. É só gritar. Eu sei que meu pai foi assim. Minha mãe nunca foi assim, gritar. Sempre falando baixinho, meu pai, ele (fez gesto de beber) um pouquinho e teve esse problema, né? Mas, eu acho que, a parte assim, coisa, ele deve saber mais que eu, porque ele falava muito com a minha mãe. (Indicando o marido)

A/P - KS san, depois o senhor pode falar? Mas deixa só eu entender uma coisa, quando a senhora criou seus filhos é. O que acontece é o seguinte, na hora que eu fiz a entrevista com os brasileiros era o senso de coletividade, a persistência e a relação de respeito que o japonês tem

R - Respeito, né? Respeito.

A/P - Vocês consideram que o japonês é mais preocupado, que é mais respeitoso que o brasileiro? Foi o brasileiro que apontou, que o japonês não desiste, a persistência, o coletivo e o respeito. Que eram coisas que eles admiram muito.

R - O coletivo, eu acho que sei, né? É a atividade junto. E o respeito, também, tem, né. Agora, mamãe, o que eu que posso dizer.

M – Com relação ao respeito, *ojiichan* e *obaachan*, por questão de idade a gente respeitava mais.

R – respeitava mais!

M – Ou seja, o mais velho tem uma hierarquia superior pro mais novo. E isso vai transportando para os filhos. Não sei se na sua casa aconteceu isso, mas na minha casa tinha o *neechan* e a *niichan*.

R – Tem! Lá em casa sempre falava *neechan* e *niichan*, *neechan* eu não tinha, ela morreu cedo. Mas *niichan* eu sempre falava.

M – *Neechan* é irmã mais velho e *niichan* é irmão mais velho, e ele falavam que todos os filhos os abaixo tinha que respeitar também os irmãos mais velhos. Talvez seja isso. Mas isso na nossa época. Eu não sei se na situação de hoje isso perdura. Não é, como diz um apagar de um tudo, mas não é mais esse mesmo princípio que era.

R – Hoje, né?

M – É

A/P - KS *san*, o senhor é o irmão mais velho ou mais novo?

KS - Mais novo

A/P - E o senhor veio quando mesmo, Kimura San?

KS - Ano 55

A/P - O senhor estava lá na época da guerra?

KS - Sim.

A/P - E o senhor morava onde?

KS - Eu nasci perto de Tokyo.

A/P - E Hiroshima era perto?

KS – Não.

A/P - E Tokyo foi bombardeada?

KS - Muito bombardeada... Não, mas mesmo assim, pertinho de minha casa, aquele avião B29, descendo para bombardear aeroporto. Pertinho de minha casa, né? 30 quilômetros. E dá para ver quando bomba cai, né? Ai povo levanta, então foi isso ai. Mais ou menos 14/15 anos, minha idade. Mas como guerra, não tem assim, como hã... pensando como que vai, quem ganha, quem perde. Depois, entender o que acontece. Nada para saber o futuro nosso. Mas mudando de assunto. Como eu, né, depois de certa idade vim para cá, praticamente sozinho, mas felizmente eu atravessei e fui parar em São Paulo. Ai, essa que você está tentando falar cultura japonesa. É, eu realmente, assistindo, ou sentindo, uma diferença entre japonês com brasileiro. O que mais sinto com essa diferença é... uma palavra no Japão, *motenashi*, uma palavra internacional, o que ser *motenashi*? Quando recebendo visitante, ou família inteira, ou própria pessoa que recebendo o visitante, o que pode para agradar a essa pessoa. Essa ai é *motenashi*. Agora essa ai. Como brasileiro, nesse ponto, quando encontra uma pessoa primeira vez, ele num fala, né. É uma palavra muito bonita, mas eu não sinto que ele fala com coração, total. Japonês, tem muito pessoa estrangeiro, diretamente conversando totalmente no sistema japonês, acharam que japonês é meio frio assim. Mas fundo mesmo, não é frio, não. Quer dizer que aquele palavra

motenashi, querendo. Não quer que assim fala, assim como eu como brasileiro, como normalmente fala, né? Isso é uma palavra *motenashi*. Eu gostaria de uma cultura japonesa, que essa palavra, além disso é *Yotoko*, essa palavra *yotoko* é o seguinte, quando ojeito, vivendo, ele mesmo não tem capacidade, então outras pessoas, de fora, ajuda. Ele sente, ah! Eu não tenho capacidade, mas já que outra pessoa em ajudando, será que essa também tem capacidade própria, não está correto não. Exemplo, eu saindo do Japão, idade de 23 anos, vindo para cá, né? Eu praticamente saí, porque não tem praticamente não tem conhecimento de Brasil, nem fala Português, e ainda não falo direito, né? Será que como é que conseguiu? Eu, né, começo muita gente me ajudando, é até um italiano, médico. Chegou, finalmente, nosso padrinho de casamento. Apenas, aconteceu uma coisa, pronto encontrado e família dessa médico, me ajudando. Infelizmente faleceu, né? Família rica de São Paulo. E como isso aconteceu? Até eu trabalhando na firma, firma siderúrgica, Usiminas. Eu tava bem lá, e pessoa chega de Japão. Mas sempre ajudando. Não só com eles não. Com meus subordinados, né? ‘Quando Kimura veio, você concordou em ajudar, vamos ajudar’. O fazer, o resultado positivo, todo mundo colaborando. (COLETIVO)

A/P - E o senhor estava falando que teve ajuda, que não era só os superiores, mas toda a equipe, que os subordinados também diziam vamos fazer o serviço.

KS – Criação: Ai, certo dia, eu perguntei dia-a-dia, escrevendo, para meu irmão no Japão, respondeu da seguinte maneira. ‘Isso ai, pessoas que ajudam você, não são capacidade de você, não. Um que você foi ajudado por várias pessoas que não conhece direito. Isso ai, sua família, ou suas conhecidos, seja sua mãe, seu pai, seu avó, vovó, etc. que ajudaram para outras pessoas. Talvez essas pessoas não existem mais no globo, mas essa coisa, que está transmitindo para você. E outra pessoa que através dela está transmitindo para você. Por isso que se você quer continuar seus filhos, a família quer continuar com esse sistema, quando você tiver condição tem que fazer. Tem que devolver para outra pessoa seu recebimento. Isso que chama *Yotoko*. Outra que vou explicar é *kizuna*. Essas coisas eu acredito como a cultura japonesa, o fundo da cultura japonesa.

R – Kimura sempre fala isso, *yotoko*, *motenashi* e *kizuna*, eu mesma não entendo isso, não.

A/P - *Motenashi* é ter realmente o coração aberto para receber as pessoas, *yotoko* é essa relação de repassar a ajuda que a gente recebe.

KS - Kizuna, né? Kizuna é praticamente laço amor, laço moral também. Essas três palavras eu sinto, como nós fomos criados com essa cultura, então, continuando aqui no Brasil. Essa do motenashi, aqui, eu trouxe um jornal japonês, foi lançado em São Paulo, né? Nkkei Shinbum, dia 09/07 desse ano. Falando assim, quando essa, a Copa do mundo, que foi realizada aqui no Brasil, time de japonês perdeu, primeiro perdeu, de onde, esqueci.

A/P - Eu também esqueci.

KS - Depois que perdeu desse, jornal comentando, o time do japonês perdeu, mas , como é que é? Ajuda? Aquele a pessoa que acompanha...

R - Comissão técnica?

KS - Não

Jornalistas?

KS – Não. Aqueles que acompanham...

Ah! Os que indicam o caminho?

KS - Não! Que grita assim: ‘Ganha’

Ah! O torcedor!

KS - Torcedor! Torcedor do japonês, mesmo que perdendo jogo, né? Eles abriram saco plástico, ajuntando o lixo de onde que eles ficaram. Esse que aconteceu, após ter perdido o jogo do japonês. Ai, acho que o americano, o jornal americano, acho que o brasileiro também, elogiou isso ai. Então isso ai, exatamente, sempre é ligado com palavra motenashi.

A/P - Kimura san, hoje eu conversei com 4 sansei. Na verdade o Jo a gente não sabe como considera, porque o pai dele é nihonjin. Então a gente não sabe se ele é nisei ou sansei, porque a mãe dele nasceu aqui, mas...

R – então ele é sansei.

A/P - Então ele é sansei mesmo? Considera o mais distante?

KS - Hum, então não sei.

A/P - Bom, mas todos os quatro apontaram em minha pesquisa a preocupação com o outro, o que vou fazer para não te incomodar, o que eu posso fazer para te ajudar. *Motenashi* tem a ver com relação disso também? Tipo: ‘eu não quero dar um incômodo, eu quero muito mais te ajudar do que te incomodar, do que trazer coisas ruins.’ Mesmo que eles não utilizaram essa palavra, será que é mesmo essa relação?

KS - Mas *motenashi*, do Japão não espera nenhuma coisa de volta.

É, eles colocaram isso, que só querem ajudar e que não querem incomodar.

K - É, somente para ajudar, para, como é que diz... Sentiu bem, né? Somente para ajudar.

A/P - KS san, quem ajudou o senhor a aprender português?

KS - Oh, infelizmente desse jeito, até hoje, o português, né? (risos) Fala muito mal, mas quando estava em São Paulo, eu fui a escola de grupo, assim. Ai, professor de grupo, moça bonita, assim, né? Ai, eu gostei dessa moça (risadas) como gostei da professora, ai acompanhei dessa aula. Ai um dia ela me ensinou matemática, matemática típica do grupo, né? Ai, eu não escrevi nada, fica o papel limpinho. Ai professora me fala assim: ‘por que você não escreveu? Você não quer estudar não?’ Ai eu sei...

R – Tava apaixonado pela professora! (Risos)

KS – Ai ela falou assim, e como eu não consegui falar português direito, fiquei balançando a cabeça. Ai eu falo, na cabeça, tudo assim. Ai escrevi em quadro negro a resposta. Ai professora assustou! (risos) Uai, que que é isso, porque você não fala português que você entende matemática. Eu escrevi matemática de grau muito alto. Eu conheço matemática que professor não sabe. Ai professora fala assim, traz seu amigo que fala português, que trouxe você aqui. Ai, certo dia, eu levei meu amigo, e logo depois eu fiquei uma gripe ou algo assim. E professora ficou me visitando assim: ‘e você volta, depois que melhorar’. Apenas 15, 20 dias, só, que estudei. Depois, mudei para a escola para tirar diploma de professor de japonês. Tirei até diploma para dar aula de japonês no Brasil. O que mais aprendi foi através de convivência.

A/P - Eu e o J viemos conversando muito no carro e onde que a gente percebe muito a diferença é a questão de respeito. A gente vê que mais japonês é mais respeitoso assim. Com pai, com mãe, com professor, com chefe, com hierarquia. Vocês acham que isso é um fato, ou não?

R – Eu acho que... Bom, cada um tem um pensamento, eu antigamente concordava. Hoje a educação mudou muito. Entre filho e pai, para mim, eu acho que não tem muito não. Uma que a gente não tem diálogo, né, M San, difícil ter diálogo, né? Sentar, conversar, não tem! Uma coisa que eu sempre senti, não. O diálogo não tem, ai já entra no atrito. A gente já tá com filho crescido, naquele tempo a gente tinha vergonha, de brigar com ele. Porque quando eu falo eu falo muito alto. Hoje, hoje, aquele serviço que a gente tinha aquela responsabilidade, não tem mais. Então cada um tem seu jeito, mas ninguém admite. E começa a ter atrito nesse ponto.

M – Mas é que na época, da nossa educação é...

R – Era respeito!

M – Eu acredito que não era só respeito não. A gente tinha que respeitar a pessoa mais velha, mas a gente não tinha a oportunidade de questionar. A gente tinha que aceitar o que os ...

R – o que os de cima...

M - lá de cima falavam como verdadeiro. Então não sei se é geral, mas na minha família era assim. Palavra de pai, palavra do niichan era mais preponderante. Mamãe não! Mamãe...

R – Hoje eu vejo que tá muito educar tá muito difícil.

M – Mamãe tinha muito bom diálogo com gente. E neechan tinha a mesma linha que mamãe. Agora os irmãos...

R – Quando eles eram pequenos, era sempre o que a gente falava, era sempre assim. Quando chegou, já, na faculdade em diante ai o negócio já mudou. Então, enquanto a gente podia manter eles dentro de casa, brincar dentro de casa, conversar dentro de casa. Porque a mãe é quem fica mais com o filho. Principalmente eu. Porque o pai era difícil ficar em casa, e se ficava também não conversava, como deveria. Então era mais distante.

M – É porque naquela época, não que eles estavam errados. É que eles faziam o que achavam que era o melhor para nós. Mas nem sempre o que ele acha que é melhor, para gente, para os filhos é melhor para os filhos, né?

R – Os filhos falam, me culpam porque eu não sou uma boa avó.

Por quê, Dona R?

R – Porque eu nunca fiquei com os netos dentro de casa, nunca cuidei dos netos, nunca!

P - Mas a senhora achava que era uma obrigação sua, cuidar de neto?

R – Não sei, porque quando eu, por exemplo, uma das filhas, A teve criança lá nos Estados Unidos, então ela achava que eu devia tá lá, como muitas mães fazem. Ela queria. Eu por mim, vontade eu queria, mas, ele tava trabalhando, mas eu sentiria a responsabilidade, de terminar as coisas do marido, a obrigação. (Responsabilidade/Dever/ Abnegação)

A/P - A responsabilidade primeira é com o K san?

R – É! Mas a A acha que como muitas mães brasileiras, fazem, vai. Hoje todo mundo vai mesmo, não tem nem lógica, né?

D. R, a senhora falou assim que a obrigação a senhora sentia muito assim, com o K san, e quando eu ganhei os meninos eu não sei de onde que para mim, na minha cabeça, a responsabilidade de cuidar deles era minha, o papai lembra, eu vim para cá quando o Kenzo nasceu, mas não consegui ficar mais que 3 dias. A mamãe ajudou, a mamãe ajuda muito, mas eu sentia que eu tinha que assumir.

R – Ninguém assume isso aí!

Eu entendo que isso era meu, que eles são meus, que a responsabilidade maior é minha. É óbvio que quando eu preciso eu tô aqui com a mamãe, eu deixo aqui, aproveito para passear, mas quando eles nasceram eu sentia que era minha responsabilidade. Isso é japonês?

R – Geralmente as mães quando o filho tá com nora, a mãe vai lá ajudar. Isso se trata de filho mais velho. Que o filho mais velho ele quem vai assumir a família Kimura. Que o F tem, esse é o único homem. Ele (F) é o sucessor dele (K). Por questão, ele hoje não entende isso não. Não tá na cabeça dele não. Mas acho que hoje é difícil quere entender isso. Porque hoje já mudou muito, também.

KS – Voltando ao assunto, de respeito de pessoa, tem uma letra japonesa, assim hito, que é pessoa, dizendo que mãe na época que montando letra preocupa mais essa letra. Filho mais mãe, para chegar a conclusão que é uma pessoa. Por quê? Isso aí, parecido com cabeça, duas pés. Mas antes, muita gente, na época escreveria assim, contrário.

Com a perna para o outro lado?

KS – É assim, desse jeito. Ai, não pode perder isso ai, sabe por que? Primeira pessoa ou segunda pessoa, ou seja pessoa idosa, e pessoa nova tem que apoiar velho

R - Idosos

KS – Idosos, significa respeita pessoa mais velha. Dentro isso ai, principal... É! Principal! Quando inventando as letras, essa hito é a mais difícil chegar a conclusão. Então, essa coisa de cultura japonesa é...

Tipo a base, o fundamento da sociedade japonesa?

K – É!

R - A base mesmo.

Hoje, um dos meninos, que conversei o Hiro.

R – Hiro? O hiro mora perto da minha casa. Bonzinho, ele!

Eu vi nele uma criação muito japonesa, ele é niichan, e uma questão bem de niichan, ele comentou como é importante, que no vestibular nenhum comemorou, porque era uma obrigação passar no vestibular. E como vocês fizeram com a criação dos filhos? Quiseram manter, ou falaram que não pode mudar algumas coisas? Te, coisas do Brasil que gostariam de incorporar, como o diálogo que a senhora falou.

R – muito importante! Diálogo é uma coisa muito importante. Esse eu senti na pele. Hoje eu não sei, mas na infância dos meus meninos é, o diálogo foi o que faltou demais. Devia ter.

M – Não tenho nada a acrescentar.

A/P - O senhor acha que o senhor passou para gente as coisas que a obaachan e o ojiichan te ensinou?

M – a gente tenta manter, mas agora... A gente mostra... No meu caso eu já sou mais ocidentalizado. A gente fala o que acha que é certo, mas nunca com imposição. Olha o caminho que eu acho que você tem que seguir é esse aqui, mas não sou eu quem vai seguir esse caminho é você.

R – Eu acho que, eu lá em casa, fui muito mais, em pensamento, do que esse daqui (KS). Ele nunca foi uma pessoa que obrigou; ‘Oh! Você tem que casar com japonês’. K foi sempre mais aberto. Eu já não, então não sei se foi os pais da gente, meus avós também moraram juntos, era totalmente cercado no meio de japonês. Então, como ele veio do Japão. Viu e tudo era novidade, as brasileiras muito bonitas, que ele nunca incomodou de casar com brasileiros. Mas eu sou, como diz, mais quadrada do que ele. E eles (filhos) casaram com os da raça, mas não foi imposição. Eu nunca impus, sempre vi de longe. Mas KS nunca, nunca, nunca importou não.

KS – Não! Nunca, não!

A/P - Eu conheci a E (nora), antes de conhecer a senhora. E uma amiga minha fez uma entrevista com a Carol, e o Ryu.

R – Carol? Quem é Carol?

A/P - Sua neta! Hie!

R - Ah! Carolina, Rie!

A/P - É Rie! A I fez uma entrevista, para mostrar famílias descendentes de outras nacionalidades. Ela chegou para mim, e não sabia que eu conhecia que eu conhecia os meninos, nem a E e falou assim: “Eu fui hoje fazer uma entrevista na casa de uns japoneses, para o jornal, e fiquei espantada, com é diferente. Eu fui antes na casa de uns italianos e era uma bagunça, uma gritaria, e depois fui entrevistar os japoneses a mãe colocou lápis de cor, brinquedos na mesa de centro e os meninos ficaram desenhando, sem o menor tumulto. E eu queria saber se vocês conheciam a história e a opinião de vocês sobre isso.

R – Foi no Estado de Minas, né? Eu acho que temos guardado esse jornal

KS – É

R – Eu vi.

A/P - E dá uma coisa boa para a senhora?

R – É que geralmente, japonês tem vergonha de dar entrevistas, são muito tímidos, demais! Mas achei até, aquilo lá bonito.

A/P - E ela considerou os meninos muito educados, mais que os italianos. Qual a sensação da senhora e do KS san em ouvir que seus netos são muito mais educados do que os netos de italianos?

KS – Bem, eu não acho bem assim, não! (risos)

R - Acho que só na presença de outros, né? Que ali, na foto! (risos) É que eles são levados demais.

A/P - KS san, o senhor, tava falando a respeito de base e suporte e o que manter na criação dos filhos. O que o senhor mais quis manter para o F e para as meninas?

KS – Agora, isso ai... É... Foi... Criei três filhos, pensando coisas, que talvez, não concorda até hoje. Você também, eu acredito que... Um provérbio chinês, tipo de leão, mas não é um leão, não. Diz que quando nasce filho, diz que vai jogar, mais ou menos, cem metros, quinhentos, mil metros. Jogar, no buraco, assim.

R – O filhote.

KS – É o filhote. Ai o pai, esperando quem sobe esse buraco, então o pai, somente, cuidar aquele que subiu sozinho. Aquele que não sobe, não tentou. Esse provérbio chinês, eu acredito que maioria do japonês, pai, hoje já mudou bastante, mas minha época, igual, estou pensando ainda. Então criança que não tem condição, não consegue uma tentativa, esforço para viver, então deixa para lá. Então, eu sempre para três filhos jogando dessa maneira. Hoje, todos os três terminaram curso superior, e socialmente tá bem, né. Mas todos os três, até hoje, reclama por causa disso. (risos)

R – (Voz embargada) Porque não é por conta disso que os meninos deles formaram na faculdade, se deram bem na profissão! (Começa a exaltar um pouco) Não é isso o que fez, ele pode considerar isso, ele tá totalmente errado!

A/P - O que a senhora acha que os achou toda vida?

R – Toda vida não direi, não. Mas o que eu acho se o filho, você tem um filho, a mãe, você joga num abismo, então você tem 7 filhos e o primeiro que subir, esse ai você vai criar e os outros não?

KS – A mãe é outra coisa!

R – mas olha a situação para uma mãe!

KS – Mas mãe...

R – Uma mãe humana, isso não dá, não!

KS – Mas mãe tem que entender...

R – A mãe tem que entender o que?

A mãe cuida e o pai põe para enfrentar?

M – Eu trabalharia isso que ele tá falando, não desse aspecto radical, tipo eu jogaria do abismo e quem subisse lá em cima vou dar todo o apoio necessário. Que na realidade, não acontece isso. Você não cuida só de um. Cuida de todos também. O que eu acho é que é uma filosofia e que é muito válida é o seguinte.

R – Eu não acho válida, não! Me desculpa, me desculpa, mas eu não acho válida não!

M – Mas deixa só eu concluir que você vai concordar comigo. Eu vou te mostrar o caminho e vou abrir as portas para você e daqui para frente depende do seu esforço. Tudo o que o você precisar daqui para frente eu te ajudo, mas você também precisa mostrar seu esforço. Porque se você analisar muito frio, como K disse, não é bem assim, porque na verdade você ia cuidar só de um. Por causa disso eu tô falando, os três não foram para frente? Então os três subiram, saíram lá em cima e foram. Vocês abriram as portas, mostraram o caminho e foram.

KS – Isso ai, exatamente, não acontecia, mas realidade é outra coisa.

R – Mas você diz que no Japão tem um ditado antigo, que quando chega certa idade, que não tem mais o que fazer, que já está atrapalhando dentro de casa, você leva lá para montanha e joga fora! O que ele sempre me fala! Eu sou capaz de jogar ele! (risos)

R – E esses meus, ele fala isso? Que vai jogar lá embaixo, e filho que vai subir que ele seguir o caminho? Então, ele tem que fazer isso primeiro, ele quem veio de lá, ele fez isso (jogar os filhos no abismo) então ele vai ter que fazer isso (os filhos o jogarem no abismo) porque aqui não tem isso! Lá, se tem ele que vai para lá!

M – Mas isso não. Eu tenho conhecidos meus, que quando o filho completou dezoito, virou pro filho e disse: se você quer ficar na minha casa, as regras para ficar são essa, essa e essa,

se você não concordar com essas regras, você pode sair, as portas estão abertas. E mandou realmente o filho embora.

KS - Isso tem uma palavra, que eu sempre falo para meus filhos, enquanto você quer estudar, eu apoio total! Se quiser estudar em outro país, eu apoio total! Mas quando não quiser mais estudar, aí se vira sozinho. E minha palavra sempre é essa!

A/P - Dona R não sei se isso te traz uma coisa boa, mas, hoje na conversa com os meninos, os 4 puseram foi isso, que quando eles passaram no vestibular, vocês acharam que é uma obrigação seus pais te darem um carro? E eles disseram que de jeito nenhum! E como foi a criação? E o que ficou para gente, o mais forte, foi o seguinte: nossos pais nos deram o estudo, a educação, nos deram a ferramenta e a gente venceu na vida. Eu acho que talvez por ser esta questão que é balanceada. É a mãe que dá um apoio mais carinhoso, na família japonesa, que a gente sabe que a mãe é quem dá mais o carinho e o pai assume esse lado de dar o empurrão, tipo, lá vai! Vai para fora, vence.

M - Mas dentro disso, R. A melhor fase para mim, é... Eu não tive cobrança, tão rigorosa, de pai e mãe quando eu estava no estudo, a não ser no primário (Solução do problema investir na base, mas o que fazer com o problema da fase meio?). No primário a gente teve uma cobrança rigorosa, eu apanhei muito para aprender e a luz de lamparina. Mas depois de adolescência e já adulto, a melhor coisa que eu fiz, ainda que tendo casa, e morando ali no bairro Santa Mônica, eu trabalhava em Belo Horizonte, e estudava a noite, eu falei assim: 'o tempo que estou perdendo no ônibus é muito grande aí eu aluguei um quarto lá em Belo Horizonte, e conversei com mamãe e papai, olha, eu durante a semana vou para lá, vou estudar e venho sábado e domingo, venho para cá. Mas, foi a melhor época que eu tive, porque eu tive que me virar sozinho.

R – Pois é, a cobrança, dentro de casa também muita, com o F. Ele foi muito cobrado, e outra coisa, ele foi o único homem e teve muita cobrança. Cobrança barra pesada mesmo. Isso não é para falar. E... (ela se emocionou e começou a chorar).

A/P - Não tem problema dona R. Não foi uma cobrança ruim. Ele...

R – (chorando) Ele chegava e estudava muito, e no vestibular, foi na segunda etapa que ele não passou. E ele (KS) brigou que ele (F) ficava brincando, que ele (F) morava na república e queria brincar, mas nunca reclamou. Sempre de cabeça baixa, e ele (K) falava do lado de lá. E eu ficava no meio, imprensada. Ele (KS) xingava demais e o F me cobrava

também. No vestibular que ele não passou ele (KS) mandou o F mudar para Ipatinga e fazer engenharia, só que ele (F) não queria e não respondeu também não. Ficou calado, ai depois ele me falou assim: ‘Mãe, o papai está me mandando fazer em engenharia, só que eu não gosto, eu não quero fazer, eu não fiquei sem estudar, é que medicina é muito difícil e eu não consegui passar. Mãe, me dá mais uma chance. Deixa eu ir para São Paulo, para a casa da minha tia, para eu estudar?’. Ai eu falei assim, ‘vou tentar’, ai ele não me respondeu também não. Mas ai eu ia mandar ele para São Paulo, nem que eu tivesse devendo uma pessoa, eu ia mandar. Porque se é o que ele queria fazer, então eu ia mandar. Porque eu achei que aquilo não cabia deixar fazer engenharia, uma coisa que ele queria fazer medicina, não é? Ai eu deixei ele (KS) e falei com ele: ‘filho, ele vai te dar outra chance’ e quando ele arrumou aquela mala, cheia de livro, para São Paulo. Empurrando, sabe? Aquilo doeu demais meu coração, demais da conta, porque eu nunca pude fazer nada, porque atrás de mim tinha dois pequenos. E ele (F) estudava, e ele (KS) trabalhando. Eu ficava sempre no meio, aquilo... essa cobrança foi muito grande para mim, por isso que tem hora que isso... Hoje, ele (F) responde o pai, na altura que responde. Mas até o momento de casar ele nunca respondeu!

A/P - Mas a senhora... É claro que se a senhora e o KS san pudesse mudar, sim, mas será que isso não foi uma coisa boa pro F, porque mostra a persistência do F, de ele querer ser médico e ir atrás do sonho dele?

R - Kaori, ele não ter conseguido encaixar na faculdade mais rápido, pela segunda etapa, isso foi um erro meu e dele (K). Porque quando ele com 13 anos, foi para Belo Horizonte, ele não queria ir para Belo Horizonte. Ai o pai dele falou, você tem ir, porque aqui não tem medicina. DETERMINAÇÃO

A/P - Com treze anos ele já queria medicina?

R - Queria, e eu não me arrependo dele ele ter mandado para Belo Horizonte, mas quando ele chegou lá, ele passou no Dom Silvério, no tempo de páscoa, ele foi lá, e estava estudando um mês lá. E ele fez o teste na UFMG, na escola técnica, então veio o comunicado para gente que ele passou na escola técnica. Então pai veio todo contente que ele passou na escola técnica da UFMG. A gente estava completamente sem saber das coisas. Ai eu fui na escola, onde ele estudou, fui na outra perguntei o coordenador. Fui num tal de padre Tavares. KS foi na usina perguntou o chefe dele. Todo mundo, falava, ‘KS, lá, ele está direto na faculdade’. E K me encheu a cabeça e falou assim: ‘você tira ele

do Dom Silvério e passa.’ E eu falei, meu Deus do céu, vou até lá, mas assim mesmo ele falou, você vai e passa ele para Federal, porque todo mundo está falando que se a gente não fizer ele pode sair. Ai eu peguei e fui lá e ele (F) me falou: ‘mãe, eu já tenho um mês aqui’, com a idade de 13 anos, era muito pequeno.

A/P - E ele morava com quem, com tia?

R - Não, não eu tava em Ipatinga e ele, com 13 anos, morava em uma pensão. Ai quando passou no Dom Silvério, ficou um mês estudando, ai quando chegou o comunicado fui lá e busquei. ‘Mãe eu já tô há um mês aqui, mãe, já fiz amigos. Eu não queria sair daqui.’ ‘Não, mas seu pais...’ Eu insisti, eu o pus na Federal, isso... Isso foi o maior erro que a gente cometeu. Sabe? O maior erro que a gente cometeu. Por isso ele não teve tanta base para passar. Então ele fazia as coisas, mas como ele não tinha base, ele não passou.

A/P - E foi no segundo vestibular dele que ele passou?

R – Ele tomou dois paus! E depois desse ano ele (KS) não o deixou ficar mais em Belo Horizonte, ai a Inês falou manda ele para cá, que a gente ajuda. PERSISTÊNCIA: Ele acordava as 4 horas da manhã e fazia cursinho, ai ele fez PUC em São Paulo, passou, acho que em três faculdade, ele passou. Por que? O cursinho que ele fez. EDUCAÇÃO: Esse, ele (KS) pegou pesado com ele. A A ele pegou pesado, mas a A é esperta! Ela é muito mais esperta! Ela acaba com o pai! Já E... E, ele (KS) passou muito a mão na cabeça dela. (risos)

A/P - É a mais nova? Ah! Ele fica com dó, né KS san? A mais nova é otochan no hime!

R - Sabe que as minhas irmãs falam, a A fala, o F também fala! ‘é a E tá toda, o pai sempre passa a mão na cabeça dela, é por isso que tá desse jeito. Faz o que bem entender’ (risos)

M – Não é bem passar a mão na cabeça, não. É o seguinte, hoje é, você tem que larga essa punição de que você tem que foi a pior coisa que você tem, de ter colocado ele no Coltec. Sim, tomou uma decisão errada naquela época. Mas vocês também não tinham base nenhuma para fazer uma avaliação!

R – M san, eu fui na escola, falei com o diretor, KS, mesmo, foi até conversar, e ‘não, já tá dentro da faculdade, já’.

M – Então, você sem a base e com esse conhecimento e as pessoas falando isso, é claro que você fica então vamos colocar lá. Vocês não precisam continuar se punindo, não. Por isso a gente fala que nada nesse mundo acontece por acaso. Com isso, então, é... Posteriormente, hoje falando uma reavaliação de situação, se isso acontecer, hoje, de novo, não aquele caminho que vai seguir. E com isso a gente vai aprendendo com nossa vida, com os erros, e com a experiência da vida e aí nós vamos começando a enxergar o mundo diferente. Então, o seguinte, o rigor com que foi tratado inicialmente o F, já não foi o mesmo com a A e não foi também com a E. Mas não era porque ela era a caçula. É porque muita coisa que você cobrava com muita energia, com muito rigor

R – Cansou (risos)

M – Não! Chegou a conclusão que não deveria seguir por aquele caminho. Então, no inconsciente, lá no fundo, pensou, então, gente não é esse o caminho, então vai mudando o comportamento, nesse caso de comportamento vai mudando o caminho. Do K foi uma, da A foi outra e da K foi outra. Dos netos hoje

A/P - É nenhuma! (risos)

M - Hoje a nível de cobrança, é totalmente diferente, então, a medida que a gente vai vivendo, a gente vai ganhando experiência, vai vendo o que deve ser reavaliado e mudamos nosso modo. Então, como se diz, põe uma pedra no passado. Tem que ficar registrado com história, mas não como punição.

A/P - Vocês não acham que tem alguma coisa desse rigor, dessa educação, que não foi positiva? Porque o F com 13 anos sabia que queria ser médico, e nunca desistiu. Eu com 13 anos queria ser advogada, e na época do vestibular, quando não passei desisti. Eu me senti incompetente, eu me senti incapaz. Então, será que nesse rigor, que o senhor (KS) e a dona R trataram o F não foi bom para ele, que mostrou para ele que para ele atingir o objetivo ele tinha que subir sim, esse abismo?

R – Eu não sei... Eu sei que... Sabe porque eu não posso te dar essa resposta, porque a A, eu acompanhei o vestibular dela. Quando ela fez o primeiro vestibular dela, ela passou em arquitetura, lá no Izabella Henrix, escola cara para Deus me livre. Eu comprei todo os materiais, tudo para ela estudar. Eu estou achando que ela estava estudando! Sabe? Ai, no meio de junho, ela liga sete horas da manhã em casa. Antes de KS sair para usina. ‘mãe, o papai tá aí?’ tá, eu preciso falar com você e com papai. Ai eu pensei, o que será? Você sabe

que menino longe você preocupa o tempo todo, seja menino, seja menina. Pelo menos, minha cabeça sempre foi assim. Ai ela falou: ‘mãe, eu vou contar para senhora e pro papai, mas eu vou ter que conversar com você primeiro, porque a senhora vai ter que segurar as pontas para mim.’ Ai eu pensei, caramba, o que será? ‘Fala, A’. ‘eu não vou fazer esse curso de arquitetura mais não, eu vou trancar matrícula, eu não gostei desse curso, não’. Ai eu falei: ‘Fala com seu pai, seu pai tá aqui eu não posso te responder’. Ai, KS veio e pou! A bomba caiu, né? Ele, é nesse ponto é muito assim. Ai ele falou: ‘então tá, você estuda até o meio de ano e ela com 2 ou 3 meses já tinha trancado matrícula, ela já tava fazendo cursinho para odontologia. E o dinheiro que eu mandava para ela, ela fazia cursinho para odonto. Porque ela tinha dom para isso. Ela pegava as bonecas, a boca das bonecas tudo cheia de buracos! Ela brincava de dentista!

KS – Então, por que não tentou da primeira vez, para ela?

R – É porque, sabe o que ela disse? É porque papai brigou com F. eu tenho medo de acontecer isso comigo e eu não vou suportar. Então qualquer coisa que passar eu vou tentar. Ai ela não gostou. Com dois, três meses de matrícula ela não gostou. Ai ela tentou o outro vestibular.

A/P - Ela passou na Federal, na PUC?

R – Na Federal, eu acompanhei. Ela com um hematoma no braço, com 39° de febre, ai falaram que ela não podia ficar. Eu tive que sair com ela, tive que levar pro hospital, teve que fazer drenagem. Ai, ela passou em Valadares, lá que ela passou. Eu acho que ela teve trauma com o tanto que o pai brigou com F, que ela pensou.

A/P - Mas depois ela voltou e fez o que ela bem queria?

R – É, ela fez o que ela bem queria.

A/P - E a E?

R - E também falou que ia fazer e fez desde o começo. Mas é que ela é mais malandra. F falava: ‘mãe! Vê lá a sua filha, que a sua filha tá dormindo e não vai pro cursinho não!’ (risos) Desse jeito, você morre de rir, mas na hora você tá com o coração pequeno, porque a dor que vai para uma, ai vai para cinquenta. Foi o que aconteceu comigo, nessa época.

A/P - Mas querendo, ou não, o que eu percebo muito é que ter uma base familiar é muito importante, de formas diferentes, claro, o K com um cobrança maior, a senhora ficando nesse meio, e vendo a capacidade dos seus filhos para incentivá-los. A senhora e o senhor, acham que isso é mais da família japonesa, ou é natural de pai e mãe?

R - EDUCAÇÃO: Ah! Mais da família japonesa, mesmo, eu acho que é porque, o brasileiro não faz isso com os filhos. Tem as suas broncas, mas igual ao japonês eu acho que não tem não. Não tem! Eu acho muito difícil. A A é mais do tipo: ‘papai, você não tem diálogo comigo, eu quero mas você não tem!’

M – EDUCAÇÃO É a cobrança do nível japonês é realmente maior. Agora, por outro lado, tem um lado muito positivo dentro da cultura japonesa, os princípios éticos e princípios morais. Isso é indiscutivelmente, bem ou mal, vocês transmitiram para todos os três. Conheço só o F mais, as meninas menos, mas todos os três com princípios éticos e morais muito bom. E outra coisa, eles não aprenderam isso na rua. Na rua, tiveram simplesmente complementação. Agora, aquele princípio ético e moral, de respeito, esse negócio todo eles aprenderam dentro de casa.

R – É como diz aquele ditado, “a educação vem do berço”.

A/P - O senhor percebe que isso teve aqui em casa? Que o jeitinho brasileiro não é bem visto?

M - Também!

A/P - Que são bem mais firmes do que o das famílias brasileiras.

M – São pequenas coisas que a gente faz e que ficam gravadas na cabeça de quem está do outro lado.

A/P - Quais são essas pequenas coisas?

M – desde pequeno, mamãe trabalhava na feira e falava assim: ‘se você quiser chupar uma laranja, vai lá e compra, e não vai lá e tira e descasca.’ A gente, na feira, entre os companheiros, vai lá e tirava, se eles queriam uma coisa, iam lá e tiravam. E ela não! Se você quer alguma coisa, vai lá e compra e vem aqui e chupa aqui. O que é seu, é seu, o que é do outro é do outro. Isso foi gravado com muita intensidade. Troco errado, dentro do comércio. Ela não aceitava direito nenhum! Muito embora, era o cliente que escolhia a

mercadoria, tinha o tomate que tinha bicho de goiaba, que entrava no tomate. Então a gente fazia a seleção, e os tomates furados tinham que sair fora dos tomates bons. Muito embora, ele tava durinho, ele só tinha que ir pro terceiro ou quarto seleção. E se por acaso, na hora que a gente tava pesando, deixasse passar um tomate furado, com meio tomate bom, e que a gente visse, mamãe não aceitava isso como normal.

A/P - Mesmo que o cliente tivesse escolhido?

M – Mesmo que o cliente tivesse escolhido. E outra coisa que nós começamos a fazer foi, os meninos iam ao supermercado, e pediam pai compra isso, pai compra aquilo e nós estabelecemos dar uma mesada para cada um, para ele gastar naquele jeito que ele quisesse, não questionava nada. Um certo dia, uma prima dela que foi junto, pegou uns negócios lá, meio que...

A/P - Tava aberto o pacote de chicletes.

M - Não sei o que foi não. Eu só sei o seguinte, não tava aberto não e vocês colocaram na bolsa e na hora que eu tava pagando as contas, paguei tudo ok e descobri que tinha tirado coisas, do supermercado escondido. Ai eu dei bronca! Isso aqui, não! Isso aqui não é nosso. Vocês voltam lá, vão no caixa e vão ter que pagar.

A/P - E fala? O que tiveram que falar?

M – Uai, falar que estavam carregando.

A/P - Não! Nós roubamos, me desculpa, eu vim pagar.

M – Então, isso para eles marcou muito esse princípio de honestidade. Porque se deixasse passar daquilo ali, dai para frente, qualquer coisa que passasse podia fazer.

R – É verdade.

M – Então isso na nossa rotina do dia-a-dia, parece ser uma pequena bobagem, mas tem uma muito grande na formação dos princípios morais e de honestidade dos filhos. E isso a gente veio transmitindo para os filhos e seu Deus quiser para os netos, e se Deus quiser vai ficar assim. É possível avaliar que o tipo de correção considerada leve, pelo respondente M, será interpretada como uma correção mais pesada, para a sociedade brasileira, em que se tornou banal, pequenos delitos.

A/P - Vocês deixam os filhos jogar papel de bala na rua?

R – Eu nunca observei isso

KS – Exatamente, educação, né, vem do berço. De repente, para mudar o nosso Brasil, é difícil isso aí. K se sente integrado à sociedade brasileira, a ponto de perceber o país como sendo seu. Porque, quando, nosso grupo foi junto pro Japão, foi sete engenheiros. Na estação de Tokyo, uma pessoa que jogou papel de bala. Aí, uma menininha, de quatro ou cinco anos, sem falar nada, foi buscar ele e colocou na lixeira. Aí os brasileiros, olham e falam: ‘é, Japão é outra coisa’ (Ao considerar que um país é “outra coisa”, é possível analisar o sujeito não se compreende como parte formadora do país, que um país não existe sem as pessoas que o formam. Esse sentimento de desapego, de distanciamento, pode ser trabalhado na fase projetual, ele pode ser um fio condutor de mudança de comportamento, a longo prazo.) é que muita gente assustado com essa situação. Você (R) lembra, o que M san está falando, quando foi roubar ameixa do vizinho, o que mamãe falou?

R – Ah! É! Eu tinha uns dez anos e a casa do lado tinha um pé cheio de ameixa. Aquela amarelinha, e tava grande e bonita e como minha amiga tinha costume de pegar, eu subi no muro e peguei, assim a sacola tava cheinha de ameixa e levei para casa, contente porque tinha pegado a ameixa. A minha mãe me deu uma bronca, (risos da própria R) pedir desculpas e falar, nossa Senhora e a vergonha para chegar lá no homem. Eram dois senhores que moravam nessa casa. E ela falou: ‘Se você trouxer de volta, você vai apanhar!’. Eu fui lá, pedi desculpas.

KS – Isso coincide, com o nosso padrinho de casamento. Como é que eu conheci ele. Eu trabalhava em oficina mecânica. Eu já há três anos no Brasil, e resolvi trabalhar por conta própria. Arrumei uma oficina e fui trabalhar com eles. Aí um dia, na época, 53, 54, encostou Jaguar, carro mais caro! E mandou consertar lanterna, mas como eu nem conheço carro, como é que vai abrir capota, né? Não dificuldade para abrir capota e depois para descobrir defeito da lanterna que não acende. Porque jaguar é o seguinte, carro normal não utiliza dois fios, de positivo e negativo, utiliza um lado levando aqui. Mas Jaguar tem dois lados levando para todas as lâmpadas, quer dizer que não tá utilizando chassi. Então, demorei para consertar defeito. Aí, embaixo do carro, andando de lá para cá. Aí esse, chama dr. Eneas, ele quem trazer esse carro para consertar. Aí o outro companheiro dele falou assim: “O, Eneas, o seu carro não pode encostar em qualquer lado, não! Você tem que levar em autorizada”. Aí, Eneas diz: ‘Não, deixa, japão trabalhando, deixa mais um

pouquinho.' Eu estava escutando, não dá para entender muito, mas escutava e pensava: puxa vida, esse carro que entrou, deixa consertar! Ai mexendo, mexendo, ele foi tomar café. E ai tinha que descobrir o defeito e descobri. Apenas sujeira que deu mal contato em lâmpada. Mas para descobrir esse defeito, nada, nada acho que gastei 15 a 20 minutos assim. Quando ele voltou depois do café, ele acendeu, e tudo ok. E ele falou 'quanto é?' E eu falei: esse que eu demorei é porque eu não tinha conhecimento, por isso que demorei, mas apenas sujeira no contato. Então, não quero nada de dinheiro, não. E do meu lado assim: nunca mais quero que você volta aqui. Eu sentia isso, mas como esse Eneas me deu uma gorjeta. Ai falei: Não! Não quero, não! Mas como não consegui falar direito, pedi para companheiro mecânico devolve esse dinheiro, apenas sujeira, só. Ai ele falou: 'não, não, japonês! Recebe ai'. Então finalmente eu recebi o dinheiro. Pensei, puxa vida não volta mais. Ai 15 dias ele levou o carro de novo e falou, você leva esse carro para lavagem e depois de lavado, você leva para o hospital. Ai ele falou assim, Kimura, eu vou viajar para minha terra natal, você quer ir comigo? Ele é de uma família rica, rica mesmo. E eu disse que não. E ele disse, Kimura, você não devia trabalhar conserta carro, não. Vai outra coisa, você vai comigo sim. Ai eu fui lá. E a família dele tem uma fazenda grande no interior de São Paulo, e eu andando com ele, como visitante, né? Puxa vida, vida totalmente diferente da nossa vida assim.

R - É diferente né?!

KS - Família rica é diferente, né?! E um dia ele me chamou para almoçar na casa dele. Eu andando pela casa, e tinha um garçon, com pano branco assim (mostra o pano apoiado no braço). E quando eu tomando sopa, etc o Eneas falou: "O Kimura, você está tomando banho ou sopa?" e eu falei assim: 'o dr. Eneas, eu tomando sopa, gostoso.' Ah, é?! Eu acredito que você tomando banho assim. Olha Kimura, não pode fazer barulho assim. E terminando o almoço ele perguntou: 'E ai, Kimura, você gostou?' e eu falei: 'Gostei! Barriga cheia!' 'Ô, Kimura,, barriga cheia não pode falar!' 'Ué, como é que vou falar?' 'Satisfeito!' Desde dia assim, qualquer coisa eu falo: 'Estou satisfeito', o que quer dizer que dr. Eneas, assim, para mim, sempre desse jeito. Quando eu para começar para trabalhar para Usiminas, quando eu peguei patente daquela peça, eu mostrei para ele. E ele: 'Kimura, isso seu caminho". Até aparecer essa pessoa, como eu consegui essas coisas, exatamente palavra *yotoko*,

A/P - O senhor acredita, e a senhora que seus filhos repassam esses valores?

R - Eu acho que hoje, na época que nós tamos, eu acho difícil.

KS - Mas tem que fazer isso!

R - Tem, mas eu acho que na nossa cabeça não veio esse caminho para os filhos. Cortou. Então eles não tem esse seguimento. Eu acho que é muito difícil, pode eles tentarem, os anos que a gente fez, pode eles tentarem lembrar que os pais faziam isso. Agora ver e seguir este caminho...

KS - Mas mesmo assim, está palavra *yotoko*, continua ou não continua, mas nós, eles acreditando assim, então eu de hoje em diante, tem condição, tenho que devolver isso. Mas se eles resolver filhos, ou netos, não recebe com isso, não importa mais. Mas você fazendo

R - Mas você fazendo, mas os filhos, esperar dos filhos isso eu acho difícil.

KS - Mas a gente tem que estudar esse sistema, *yotoko*, para eles. (Percebe-se que há no japonês uma predisposição para assumir a responsabilidade de repassar os valores que ele considera importante.)

A/P - Que é essa questão que vem do berço?

R - Entender, eles devem entender. Só a prática que, eu não sei se é a idade, que pode chegar, mas por enquanto eu não posso falar nada.

P - Quando os senhores eram pequenos, os senhores tinham obrigações em casa? Arrumar seu quarto, lavar meia, alguma coisa que era sua responsabilidade?

R - Eu nunca tive responsabilidade, não. Agora depois que eu casei, quis tentar educar esse ponto para A e E, mas não consegui, porque assim que eu casei, quando F nasceu nós tivemos uma empregada, que ficou com a gente por quinze anos. Ai, quando ela foi embora e quis que as meninas fizessem algo a A disse: 'mãe você nunca ensinou a gente a fazer isso, porque vou fazer isso agora? Não vou fazer, não' O erro já estava em mim. Por isso que eu falo, hoje, o que eu não consegui com elas ensinem seus filhos porque vocês vão passar apertado.

KS - Minha casa, desde conhecendo, já tinha obrigação, eu acho quatro, cinco anos, quando acorda tem que abrir o janela, no Japão é, janela é diferente, tem várias portas juntando assim, tem que tirar tudo,

R - Biombo

KS - É! Então, cada um no seu quarto tem que tirar isso, e cama no chão, né? Então tem que dobrar ele e colocar no armário. Agora, isso ai, como eu sou caçula e todo mundo faz não tem nada de obrigação.

A/P - Como uma coisa ruim? Faz parte?

KS - É faz parte! E ainda na escola, no grupo, quarto ano na escola, tem, cada um da sala, tem que limpar próprio alunos. Isso eu acho que importante. No Brasil, não existe isso.

Eu já ouvi uma história, não sei se é verdade, que as crianças têm que limpar o banheiro também'?

KS - Banheiro também!

R - Eu, quando estudei japonês em São Paulo, tinha que varer, tirar o lixo, lavar banheiro, tudo!

Se a gente for pensar como ruim ou bom, como os senhores avaliam isso?

R - Eu acho bom!

KS - Eu acho o seguinte: quando sujeito limpa ele sabe que para limpar o que aconteceu sujeira. Quem sujou, então que suja mais é quem mais tem dificuldade para limpeza. Por isso quando sujeito faz limpeza ele fica mais cuidadoso. E isso que falta no Brasil. Criança do brasileiro, dentro de casa eu não sei. Mas fora da casa pode sujar de qualquer maneira. Porque não tem obrigação para limpar, porque limpador da rua já fez isso, né? Deixando qualquer coisa, porque tem que manter o limpador de lixo, o emprego. Dentro dessa visão, né?

A/P - Que é errado?

KS - É, errado!

P - Com relação a responsabilidade no trabalho, os senhores acreditam que tem a descendência japonesa, a grande maioria é menos responsável, mais responsável que os brasileiros, é igual?

KS - Com a empregada, como é que você sente? (dirigindo a sua esposa, a respondente R). Eu trabalho na companhia eu sinto uma coisa assim, mas talvez você fala melhor, melhor, não! Primeiro.

R - Que sentido, Kaori?

A/P - É, quando, por exemplo como um japonês encara o trabalho e como um brasileiro encara o trabalho?

R - Eu acho que aqui eles tem uma responsabilidade igual, também. Eu acho que não tem uma diferença não. Acho que tem um pouquinho, mas não tem tanta diferença, não. Quando a pessoa brasileira tem responsabilidade faz mesmo, então...

P - Mas aí, a senhora, usou uma expressão que me chamou a atenção. Que o brasileiro QUANDO ele tem responsabilidade ele faz mesmo. O japonês, a responsabilidade faz parte dele, ou é QUANDO o japonês tem responsabilidade?

R - Eu acho que faz parte, né?

A/P - E a senhora acha que a maioria da população brasileira tem responsabilidade, ou não?

R - Tem, tem responsabilidade, mas têm alguns que a gente deixa a desejar. Mas isso daí, eu acho que vai da criação também, porque por exemplo, esse negócio de fazer limpeza de sala de aula. Se o Brasil tivesse adotado esse sistema do Japão, eu também não sou de lá. Mas aqui eu adquiri esse sistema, dentro da escola em São Paulo, então eu achei aquilo foi ótimo para o estudo nosso. Porque para você aprender um coral também, você não tá lá com as pernas, cantando com as pernas, porque atrás de mim está o professor de canto tá lá com uma baita varinha. Eu já levei com a varinha na cabeça. Ele está lá cantando, e a lousa tá aqui e conversando, e quando de repente você está... Porque para você cantar você tem que estar com uma imponência, sabe? Se você tá com as pernas e pó! Eu levei na cabeça. Ah, levei! Por que? Porque meu modo de coisa não era correto. Então eu aprendi um pouquinho daqui, um pouquinho de lá.

M - Kaori, se você tem mais alguma coisa comigo, porque eu quero ir embora!

A/P - Não só se o senhor acha que japonês é mais ou menos responsável do que brasileiro?

M - Acho que não, acho que responsabilidade está na cabeça de cada um. Tem japonês responsável, como tem irresponsável. Não acho que o japonês é mais responsável. Ele é mais disciplinado, mas mais responsável, não acho não.

A/P - O senhor também concorda com isso, KS-san?

KS - modo geral, pode ser assim ou não. Isso difícil de falar, no momento... (hesita), se sim ou não... Mas como eu trabalhei em companhia, e ... (hesita) a falta de responsabilidade eu senti dessa maneira: quando pessoa certo estudo pegou, não tem diferença brasileiro com japonês, não. Mas pessoa que infelizmente não tem... Condição praticamente nenhuma... é... parece, né... Que quando trabalha oito horas por dia, se quando trabalha oito horas por dia, 'bom, eu trabalho oito horas, então recebe duração de oito horas, então tudo ok! Mas se eu trabalhei hoje só sete horas, então uma hora eu ganhei' Então esse tipo de pessoa sempre pensa isso. Por isso que quando olhando o fiscal, chefe, trabalha direto. Mas quando o fiscal sai, ele já pensamento é outra. Isso, eu acho que ainda é tempo antigo, da escravidão. Escravidão, totalmente sofrido, né? E ai, qualquer coisa tem que descansar, então eu acho que ainda existe esse pensando tempo da escravidão. E outro lado, tem o pensamento do patrão, patrão é, tem que aproveitar o mais, como escravidão. Então nesse tempo antigo, até hoje ambos lados de pessoa, de comando e que atende serviço eu acho que tem continuação desse problema.

M - Eu diria que seria muito mais de honestidade do que responsabilidade. A pessoa que não trabalha oito horas e recebe como se trabalhasse oito horas. Eu acho que é mais o princípio de honestidade, e não de responsabilidade. Ai, então você pensa os japoneses são mais honestos, pela cultura, pelo jeito que nós fomos educados, sim! E ai, entra o que K estava falando os princípios de escravidão, os princípios éticos e morais.

A/P - E pensando no caso, mostrou no CQC, o tsunami e o acidente em angra, aquele que a afilhada morreu ali. Ai, mostrou assim que um anos depois Fukushima estava reconstruída a cidade. E eles perguntaram quanto tempo levou para limpar tudo. E os japoneses, o casal, reclamou que a prefeitura demorou muito, gastaram três semanas para prefeitura limpar a cidade toda. Daquilo que vimos as imagens, assustadoras. E ai mostrou Angra, dois anos depois, e tinha tomado conta, o mato. Estavam os entulhos, estava tudo do mesmo jeito e ainda não tinha instalado as sirenes de alarme nem nada. E a gente comentou assim o que tem de diferente do Japão, para que o Japão fazer isso e o brasileiro não? Para limpar uma área de desmoronamento, que é bem menor do que uma cidade inteira? Porque vocês

realmente vivenciaram a cultura mais que a gente, vocês conseguem imaginar o por que disso?

M - É a cultura milenar japonesa que você não consegue trazer, a cultura milenar japonesa para cá. É o caso do papai e da mamãe, no princípio, do século, com relação à higiene e limpeza.

R - Seus pais moraram aqui quanto tempo?

A/P - O sei pai veio em mais ou menos 30, e morreu em 86, e a sua mãe morreu em 76. Então foi uma média de 45 anos que a sua mãe morou e o pai uns 50, não é isso?

M - É! Os princípios morais de limpeza, eu já falei de como eles vieram. Mamãe exigia, onde morávamos não tinha fossa seca. Então, onde a gente morava, tínhamos que pegar cal, e jogar pelo menos uma vez por semana, para não proliferar nem os bichos nem o cheiro.

R - Aonde?

M - No Santa Mônica.

R - Era fosso então?

M - Era buraco.

L - Tinha que por cal

M - Era um buraco, com tábua, né.

A/P - Tipo benjô antigo.

M - e um quadradinho para você lá, agachar. Não tinha descarga de água, era fossa seca. Então naquela época, mesmo morando no mato, mamãe dizia que além de fazer essa limpeza de jogar cal uma vez por semana, ela exigia que fosse limpa e lavada, aquela área da fossa seca. Tinha a casinha direitinho. E ela falava que a limpeza de lá tinha que ser tal forma, tão limpa, que se por acaso nós estivéssemos almoçando, e se não coubesse todo mundo dentro da casa, e tivesse um lugar dentro da privada a gente ia comer dentro da privada e não sentisse nojo. Então esse é o princípio milenar, lá de trás, que como é que você quer que um princípio desse, que veio lá de longe, e aqui nós não estamos

acostumados com isso, nós vamos por meio do mato e limpa com um pedacinho de pau, um pedacinho de folha? Não, tem. Não tem.

A/P - Limpar banheiro todo dia?

M - É. Então o princípio da limpeza veio lá de trás. Isso são coisas de educação milenar. Quando que foi, aí o princípio que KS-san poderia ajudar a gente, nesse caso, com relação a estudos no Japão, falando que um dos imperadores japonês foi em um daqueles sábios e perguntou: 'sábio, o que é que eu tenho que fazer para que o Japão seja a maior e melhor nação do mundo?'. E o sábio: 'Dê educação para seus filhos'. Isso foi em mil oitocentos e alguma coisa lá para trás. Por causa disso que no princípio do século passado, no meio do mato, papai e mamãe já tinham seis anos de ensino básico para a mulher e oito anos de ensino básico para o homem. Então, são coisas que você não tem como importar para qualquer tipo de cultura. Mamãe falava assim: 'a sua roupa pode estar toda rasgada, mas desde que esteja costura'

R - Costurada! Isso eu sei! Da minha mãe!

M - E ela pegou assim: 'e não pode estar suja. Tem que estar sempre limpa'. Mamãe, o seguinte, ela exigia desde o princípio, de manhã cedo, logo que a gente acordasse: 'estenda sua cama. Arrume sua cama. Não saia do seu quarto de manhã cedo, sem arrumar sua cama.' São essas coisinhas pequenininhas, que você ainda não consegue fazer. E se você conseguisse implantar essas coisas agora, quanto tempo levaria para fazer? Talvez um século.

A/P - Uma geração, não é?

KS - Até eu fiquei emocionado com isso que aconteceu no Japão. Até tem isso no jornal, Aquele *shinkansen* (trem bala) aquele que vai de Tóquio para ilha de...

Deve-se ressaltar que ao evocar as memórias os respondentes M, R se emocionaram. O respondente M, ao falar de seus pais, engasgou em alguns momentos, enquanto a respondente R, chorou ao relatar a história sobre a determinação de seu filho mais velho em estudar medicina contra os desejos do pai. O respondente M teve uma mãe que dialogava com seus filhos e trouxe esse aprendizado para sua casa.

O Hibridismo Japonês em Belo Horizonte.

Na história das imigrações, um dos povos que manteve forte laços com sua cultura de origem foi o povo de origem japonesa. Presente no Brasil, há pouco mais de um século, se tornou a maior colônia japonesa, fora do Japão. A imigração japonesa completou seu primeiro centenário, em 2008, uma vez que a chegada do navio *Kasato Maru*, no porto de Santos, se deu no dia 18 de junho de 1908, com 781 imigrantes, de acordo com dados da ACCIJB³ - Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil. É possível perceber a presença japonesa, na sociedade brasileira: pelo aumento de restaurantes japoneses⁴, pelo recente aumento de atores e apresentadores descendentes de japoneses na televisão; e pelo número de descendentes de japoneses nas faculdades⁵. De acordo com as informações do IBGE, o povo de origem japonesa fez inúmeros esforços para manter algumas de suas características, “como forma de manutenção de sua identidade cultural, a comunidade nipônica no Brasil manteve-se fiel ao Shindō, que é a incorporação da tradição religiosa japonesa ligada ao mito de origem imperial do Japão”⁶. Outra das formas, que o povo de origem japonesa mantém os laços com sua cultura, é por meio de associações culturais.

As associações citadas são chamadas de *kaikan*, onde é costume se ter aulas de japonês, encontros como *undokai* - uma espécie de gincana, além de outros eventos que remetam a manutenção de tradições japonesas. No *kaikan* de Belo Horizonte, a Associação Mineira de Cultura Nipo Brasileira, AMCNB, são realizados diversos eventos para promoverem a cultura japonesa, alguns são abertos ao público em geral e outros são restritos aos associados. Um dos eventos realizados apenas para seus associados é a comemoração de ano novo, *Shinen-Kai*. Neste evento, os homens socam, no pilão, o arroz que será utilizado para se fazerem os *mochi*, os tradicionais bolos de arroz, cuja simbologia é trazer boa sorte aos que os comem. Porém, nessa tradicional comemoração vê-se traços de hibridismo cultura, no sistema de *mochiori* - em que os convidados devem levar um

³ http://www.centenario2008.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=13&Itemid=26

⁴ http://veja.abril.com.br/160703/p_083.html, <http://www.dm.com.br/texto/72222>, <http://www.portaldofranchising.com.br/noticias/sao-paulo-tem-mais-restaurantes-japoneses-que-churrascarias> acesso, 05 de janeiro de 2014.

⁵ Revista Veja Edição 2038, 07 de dezembro de 2007.

⁶ <http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/japoneses/a-identidade-japonesa-e-o-brasileiramento-dos-imigrantes>

Embora os imigrantes japoneses tenham mantido relações com a religião japonesa, segundo OZAKI (1990), seus filhos integraram ao cristianismo por meio da escola e após a derrota ocorrida na Segunda Guerra, os imigrantes que perceberam frustrados seus sonhos de voltar para o Japão resolveram ser batizados, uma vez que permaneceriam em um país católico, "para o bem e futuro dos seus filhos" (OZAKI, 1990, p.18). É possível associar que para os descendentes tomar conhecimento de outros ritos religiosos era uma das formas de integrar seus filhos na sociedade em que eles estavam se inserindo.

prato de sua especialidade para ser compartilhado. No processo de hibridismo é possível se identificar o sincretismo, por reconciliar expressões culturais outrora vistas como antagônicas, por meio da identificação de seus aspectos similares, dos movimentos de conciliação e fusão cultural (BURKE, 2003), desta forma é relevante é ressaltar que esses pratos feitos pelas famílias não são apenas iguarias japonesas, na mesa é frequente se ter pratos típicos da culinária brasileira, como feijão tropeiro, mouse de maracujá, pastel frito, pernil assado, dentre outra iguarias. E alguns pratos típicos ganham temperos regionais, como alho e sal, usados para temperar os legumes que recheiam os *makizushi*. Além da comida, essas famílias já adotaram alguns ritos presentes na cultura brasileira, como festas de quinze anos para suas filhas, ao invés de comemorarem a *Seijin Shiki*- Cerimônia da Maturidade, no mês de janeiro no ano em que a moça completa 20 anos.

O evento aberto ao público que é mais conhecido pelos cidadãos belo-horizontinos é o *Tanabata Matsuri*, o festival das estrelas, realizado no mês de julho, em se tem barracas com comidas típicas, porém que foram adaptadas ao paladar brasileiro, em alguns pratos como no *takoyaki* - uma espécie de bolinho japonês - o uso de ingrediente tradicional, como o polvo, foi trocado por ingredientes como queijo mussarela e presunto. Além de comidas, o festival conta com outras atividades, como: apresentação de *taikō* - tambores japoneses; *odori* - dança; *kendō* - arte marcial; e os *tanzaku* - pedidos escritos em tiras de papel colorido e pendurados em ramos de bambu. Anterior às apresentações explicasse a origem e a simbologia do que será mostrado, como uma das formas da AMCNB repassar informações sobre a cultura japonesa.

Se em uma associação que visa promover a cultura japonesa, percebe-se um movimento de fusão cultural, em que o que se transmite não pode ser considerado como uma forma pura de expressão cultural japonesa, algo similar ocorreu no mercado editorial de quadrinhos brasileiro.

ANÁLISE DE PRODUTOS LICENCIADOS TMJ

Uma vez que a MSP licencia seus personagens a diversas organizações, dentre os produtos licenciados para a TMJ há material escolar, há alguns produtos decorativos, há produtos de higiene perfumaria, há alimentos e há jogos, porém são produtos deslocados, que não estão inseridos em um SPS. Não há a convergência entre produtos, porém se percebe que alguns casos elementos visuais estão presentes em suas embalagens, mesmo eles sendo fabricados por organizações diferentes. Falta uma espécie de conexão entre os mesmos, que gere uma cadeia de consumo articulada entre os produtos. A escolha dos produtos analisados foi: produtos de higiene pessoal e material escolar. Sendo estes mais acessíveis às variadas camadas da população. Já, logo no início da análise notou-se que os mesmos exploram mais o design de superfície, e o uso dos personagens para ilustrar as peças.

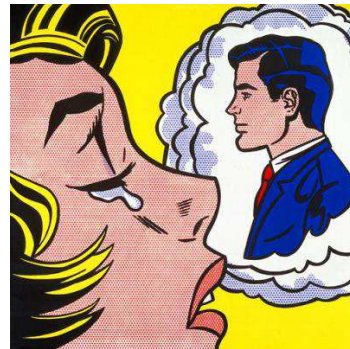
Dentre os produtos de higiene e perfumaria, um dos escolhidos foi a linha de esmalte licenciada para Beauty Color, que a lançou, em setembro de 2013. Embora a TMJ seja desenhada no estilo mangá, os esmaltes da Beauty Color, tem a peça de divulgação (Figura 1) inspirada em Roy Fox Liechtenstein, pintor americano, cujas obras eram inspiradas na temática dos quadrinhos (Figura 2).

Figura 1 - Divulgação esmaltes Beauty



Fonte: Divulgação...⁷

Figura 2 - Thinking of him



Fonte: Roy Liechtenstein - 1963

⁷ <http://www.embalagemmarca.com.br/2013/09/esmaltes-da-turma-da-monica-jovem/> - Acesso 23 de março de 2014.

Essa inspiração não parece se adequar em uma comunicação eficiente com o leitor da revista. Há uma ruptura no estilo das cores, do fundo, do uso das onomatopeias. Ainda que se tenham elementos simbólicos de uma obra da pop art, acredita-se que o leitor da TMJ não tem conhecimento da mesma e não a reconhecerá. Acredita-se que a leitura que o leitor de TMJ fará é associar a embalagem a histórias em quadrinhos. Isso torna a lisibilidade da obra prejudicada, uma vez que se perde o sentido da referência à Roy Liechtenstein e a pop art. A embalagem secundária, que envolve a embalagem dos esmaltes, segue a mesma linguagem visual da peça de divulgação. Já a embalagem primária, a que armazena os esmaltes tem desde o formato da tampa, ao do vidro, diferenciando das tradicionais embalagens cilíndricas. O adesivo, com as informações em todas as embalagens, traz Mônica ilustrada, mesmo que o esmalte tenha a inspiração em na personagem Magali (Figura 3).

Figura 3 - Esmalte Beauty Color Magali



Fonte: Esmalte...⁸

Esse fato indica que não houve a preocupação de manter o elo entre o personagem e o leitor. Esses aspectos citados indicam uma falha na comunicação entre o produto e o seu usuário, há, então uma quebra em um dos elos da cadeia do SPS.

Já os cadernos da TMJ, da coleção 2014 (Figura 4), embora haja a presença dos personagens, não se percebe outros elementos de unidade visual que possam compor uma unidade com os produtos da TMJ, já citados. Não há a presença do logo da TMJ, mas sim

⁸ <http://www.beautycolor.com.br/esmaltes/turma-da-monica-jovem/produto/> - Acesso 23 de março de 2014.

um grafismo com o nome do personagem, cuja semelhança o torna identificável como um ícone de grafites de rua (Figura 5).

Figura 4 - Cadernos Turma da Mônica Jovem 2014



Fonte: Gráfica São Domingos/MSP, 2014

Figura 5 - Grafite na rua



Fonte: Paranaguá, sem data.⁹

⁹ <http://www.jfparanagua.com.br/blog/?p=133> - Acesso 23 de março de 2014.

No caso da embalagem de esmalte da Beauty Color, ao não associar a embalagem ao seu personagem de inspiração, perde-se a oportunidade de aproveitar a identificação com o personagem preferido do leitor. O leitor que se identifica com a Magali, por exemplo, não conseguirá fazer a identificação com o produto facilmente. Mesmo que o esmalte tenha a cor símbolo de seu personagem e inclusive seu nome, terá em destaque a imagem da Mônica.

O que se percebe é que há a falta de integração entre revista e produtos. Os produtos são oriundos do sucesso da revista, mas não são signos de um consumo simbólico, que mostre a identidade do leitor. Nos âmbitos estratégicos, há indicativos de que levar os desenhos para mais próximos da estética mangá, foi tido pelas leitoras com uma mudança favorável, em que elas dizem que os desenhos ficaram melhores, mais detalhados, mas que apenas repetir o nos produtos licenciados não é o suficiente para que o torne aceito pelo mercado nem que crie um ele com o leitor.